



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

## **As Representações da Juventude de Acari sobre a Violência: Memória e Perspectivas de Futuro**

Graduandas: Juliana de Souza Piaz e Juliana Lima dos Santos  
Professora Orientadora: Maria Lídia Souza da Silveira  
Co-Orientadora: Suely Souza de Almeida

RIO DE JANEIRO, 2007.

Juliana de Souza Piaz  
Juliana Lima dos Santos

## **As Representações da Juventude de Acari sobre a Violência: Memória e Perspectivas de Futuro**

Trabalho de conclusão de curso de Graduação,  
da Escola de Serviço Social da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Maria Lídia Souza da Silveira

Co-Orientadora: Suely Souza de Almeida

RIO DE JANEIRO

2007

## Dedicatórias

A Valdir e Milza, meus pais  
À Mariana, minha irmã,  
Amor e carinho eternos.

Juliana de Souza Piaz

A Sebastião e Maria da Paz, meus pais  
À Luizy, minha irmã,  
À Ignês, minha avó,  
E a toda minha família com amor.

Juliana Lima dos Santos

## **Agradecimentos**

A Deus, por mais uma vitória alcançada em minha vida;

Aos meus amados pais, por tudo o que sou;

À minha querida irmã, companheira e amiga de todas as horas;

Aos mestres, ficam meus sinceros sentimentos de gratidão, carinho e admiração, em especial às ternas professoras, Mariléa Porfírio, Suely Almeida, Lília Pougy, Maria Lúcia e Victória Lavínia. Muito obrigada!!

Aos meus caros amigos, pessoas tão especiais para mim!!!

Juliana de Souza Piaz

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo o que Ele me proporcionou até hoje;

À minha família, por tudo que fizeram por mim;

Aos meus amigos e amigas, que torceram muito por mim neste momento;

E aos mestres, que com todo o seu profissionalismo, tiveram a sensibilidade de nos conduzir a mais essa conquista. Suely Almeida, Maria Lúcia, Victória Grabóis, muito obrigada!

E não poderia esquecer também da minha supervisora e amiga Geovana Silva que em muito me auxiliou nesta caminhada.

Muito obrigado pelo carinho e dedicação!

Juliana Lima dos Santos

**Credo**

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Caminhando pela noite de nossa cidade  
Acendendo a esperança e apagando a escuridão  
Vamos, caminhando pelas ruas de nossa cidade  
Viver derramando a juventude pelos corações  
Tenha fé no nosso povo que ele resiste  
Tenha fé no nosso povo que ele insiste  
E acorda novo, forte, alegre, cheio de paixão  
Vamos, caminhando de mãos dadas com a alma nova  
Viver semeando a liberdade em cada coração  
Tenha fé no nosso povo que ele acorda  
Tenha fé em nosso povo que ele assusta  
Caminhando e vivendo com a alma aberta  
Aquecidos pelo sol que vem depois do temporal  
Vamos, companheiros pelas ruas de nossa cidade  
Cantar semeando um sonho que vai ser real  
Caminhemos pela noite com a esperança  
Caminhemos pela noite com a juventude

## Resumo

O objetivo desse trabalho é o de abordar a questão da violência vivenciada na atualidade pelos jovens de Acari tendo como pano de fundo a memória social de uma chacina que envolveu moradores do bairro e de como estes desenvolvem a sua subjetividade a partir das experiências de violência também por eles vivida, e acrescidas de outras vivências cotidianas. Tivemos como propósito investigar, através das entrevistas com esses jovens, como tal violência interfere em suas vidas, como lidam com outras situações distintas no seu dia-a-dia e de quais são as suas perspectivas de futuro.

Os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho tiveram início com um levantamento bibliográfico de periódicos e censos relacionados com a violência no Estado do Rio de Janeiro, com a observação direta do bairro de Acari e da confecção de entrevistas semi-estruturadas com estes jovens.

O espaço que permitiu a realização desta investigação foi o do campo de estágio da Pastoral do Menor do Rio de Janeiro, localizado no bairro da Glória.

Palavras – chave: Juventude, violência, memória, subjetividade e representação.

## Sumário

<b>Resumo.....</b>	<b>6</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>8</b>
<b><u>Capítulo 1:</u> O bairro de Acari: cenário da investigação, seu cotidiano e a</b>	
<b>Memória da “Chacina de Acari”.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 – O bairro de Acari: Cotidianidade e Sujeitos.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 – A Memória da “Chacina de Acari”.....</b>	<b>20</b>
<b><u>Capítulo 2:</u> Os jovens de Acari: Memória e Vivências.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 – Alguns elementos sobre a juventude.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 - Jovens de Acari: Características e Vivências.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.1- O espaço da investigação empírica.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.2.1 – Elementos qualitativos da investigação.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.2 - Imagens da Violência: o cotidiano no bairro a partir da visão dos</b>	
<b>jovens.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2.3 - Imagens da Memória destes jovens: A Chacina de Acari 17 anos</b>	
<b>depois.....</b>	<b>44</b>
<b><u>Capítulo 3:</u> Os Jovens de Acari e suas perspectivas de Futuro.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 – A produção da subjetividade: A constituição dos sujeitos e de suas</b>	
<b>identidades.....</b>	<b>49</b>
<b>3.2 – Jovens de Acari: O que esperam do futuro.....</b>	<b>53</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>56</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>61</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>65</b>

## **Apresentação**

Nosso presente trabalho tem como objeto de estudo as representações que os jovens de Acari, na faixa de 14 a 18 anos, têm sobre a violência na contemporaneidade. Interessa-nos recuperar a memória que esses jovens têm a respeito da chacina de Acari, ocorrida em 26/07/1990, e que consistiu no seqüestro de 11 jovens por um grupo de extermínio (supostamente liderado por policiais militares) em Magé. Ao mesmo tempo buscamos identificar as vivências da violência que hoje se enunciam no cotidiano desses jovens, a partir da utilização de categorias essenciais, que possibilitarão a consideração das “relações estruturadoras da vida social – fundamentalmente as de classe, de gênero, étnico-raciais e geracionais”. (Almeida, 2004).

A escolha da temática é fruto da inserção das graduandas, em experiência de iniciação científica na pesquisa: “O Serviço Social e a Constituição do Campo dos Direitos Humanos no Brasil”, que está vinculado ao GECM: Gênero, Etnia e Classes: Estudos Multidisciplinares, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob coordenação da Professora Doutora Suely de Almeida, e ao NEPP-DH (Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos).

Outro fator que contribuiu para a escolha do tema foi a inserção de uma das graduandas em campo de estágio na área da Infância e Adolescência na instituição Pastoral do Menor, que lida com adolescentes de áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro, sendo uma delas o bairro de Acari.

Pelo histórico da violência em Acari e, principalmente, pelo acontecimento da chacina, decidimos estudar a percepção que os jovens de hoje têm da violência em seu bairro e ao mesmo tempo identificar quais são as suas perspectivas para o futuro, suas aspirações e desejos, bem como a forma de enfrentamento dos obstáculos existentes e o delineamento de outros sentidos para as suas vidas. O estudo da temática da violência também é importante, pois, por esta ser dirigida predominantemente às frações de classes e categorias subalternizadas, constitui-se em uma das expressões mais visíveis da questão social, questão essa que é objeto de intervenção dos assistentes sociais em suas expressões cotidianas.

No presente trabalho temos como objetivo geral, analisar as representações dos jovens de Acari sobre a violência na contemporaneidade, procurando analisar a



memória que esses jovens têm a respeito da Chacina de Acari, ocorrida em 26/07/1990. Como objetivos específicos temos a intenção de: apreender quais são as expressões da violência vivenciadas por estes jovens hoje; analisar como essa violência se configura e interfere nas suas vidas, assim como elaboram estratégias e planos de futuro. Também buscamos perceber sua visão da sociedade atual.

Entendemos também que o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – se apresenta como uma referência real no sentido de assegurar direitos a estes jovens, ainda que percebamos o seu não cumprimento efetivo. Destacamos um de seus artigos, exemplificando a direção do sentido do nosso trabalho:

“Art. 18 – É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Portanto, compreendemos também que na monografia que construímos buscamos denunciar alguns dos desmandos que continuam a acontecer com a comunidade de Acari, onde o alvo tem, na maioria das vezes sido, a população jovem.

Mesmo sabendo que a violência tem se tornado cada vez mais complexa para a sociedade, se faz necessário lançar um olhar sobre tal questão para que assim possamos, de alguma forma, pôr os maiores vitimizados em destaque, na tentativa de velar por suas vidas e histórias. Consideramos também importante que este trabalho retorne à população alvo do mesmo como mais um dado de apropriação e reflexão.

Estudar a representação que os adolescentes do bairro de Acari têm da violência e as suas vivências na favela se tornaram um desafio para nós, pois trabalhamos com questões que estavam e estão na pauta do dia para as autoridades públicas, para estudiosos e para a sociedade de forma geral.

“A representação ‘não consiste numa duplicação mental da coisa, pelo contrário, gera-se um relacionamento com outrem em que essa coisa cumpre uma função mediadora” (Giannotti in Ridenti,2001), e a “coisa” que estará exercendo essa função mediadora (jovens/trafico; jovens/família; jovens/mercado de trabalho; jovens/polícia; jovens/direitos) e que nós trabalhamos neste presente estudo é a violência. Ou seja, “a representação é canal de mediação no relacionamento de

alguém com outrem” (Ridenti,2001), e será através dela que iremos descobrir que relacionamento está sendo estabelecido entre a juventude de Acari, a violência em seu bairro e as perspectivas de futuro desses jovens.

Este trabalho de natureza exploratória é um estudo qualitativo, com descrição e análise reflexiva dos dados obtidos através de entrevistas com jovens moradores de Acari. Utilizou-se para tanto o formato de entrevistas semi-estruturadas, por entendermos que estas permitiriam um maior envolvimento e participação dos entrevistados.

Assim levamos em conta um roteiro previamente organizado, porém não abrindo mão da utilização de perguntas adicionais para melhor esclarecimento dos entrevistados e também das respostas às perguntas feitas. Foram realizadas ao longo da investigação, além das entrevistas, pesquisa bibliográfica, leitura de periódicos, artigos de jornais e censos relacionados com os dados da violência na Cidade do Rio de Janeiro.

A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos e uma prévia apresentação. Nesta apresentação expomos o nosso objeto de estudo, qual seja: a representação da violência para os jovens de Acari, suas perspectivas de futuro e a memória remanescente da Chacina de Acari, ocorrida na década de 90. Para tanto fizemos um breve enunciado da violência em Acari, especificamente desta chacina e do contexto da violência na atualidade.

No primeiro capítulo intitulado “O bairro de Acari: cenário da investigação, seu cotidiano e a Memória da ‘Chacina de Acari’”, abordamos o perfil demográfico e socioeconômico dos moradores, como também as características urbanísticas que fazem parte do contexto do bairro. Também foi recuperado, neste capítulo, elementos em torno da memória da Chacina de Acari, bem como o contexto da época na qual tal fato ocorreu.

No segundo capítulo nomeado “Os jovens de Acari: Memória e vivências” traçamos um breve panorama da juventude brasileira, trazendo elementos que permitam identificá-los e situá-los na sociedade. A partir destas referências mais gerais, foi feita a caracterização de alguns dos jovens de Acari partindo do trabalho de pesquisa elaborado. Abordamos o seu perfil, vivências e particularidades. A questão da violência na conjuntura atual e a violência no bairro também foram referidas neste capítulo, bem como a visão destes jovens sobre a memória da Chacina de Acari, ocorrida em 90.

No terceiro capítulo denominado “Os jovens de Acari e suas perspectivas de futuro”, se trabalhou a questão da formação da subjetividade desses jovens, alvo de nossa observação e reflexão. Também neste capítulo buscamos identificar os sentidos que os jovens constroem para o seu futuro, e de como vislumbram as possibilidades de enfrentamento dos obstáculos que estão hoje, postos, em suas vidas.

## **Capítulo 1**

### **O bairro de Acari: cenário da investigação, seu cotidiano e a Memória da “Chacina de Acari”**

#### ***1.1 – O bairro de Acari: Cotidianidade e Sujeitos***

Por volta da década de 40, a imigração nordestina deu início ao que hoje é a comunidade de Acari. A ocupação começou numa área vazia que, a partir da construção da Avenida Brasil, tornou-se um local de fácil acesso. A partir daí, um pequeno grupo de pessoas construiu ali os seus barracos. Na medida em que iam sendo construídos, a polícia os derrubava, despejando seus moradores. No dia seguinte, novos barracos eram construídos em quantidade ainda maior. A polícia retornava e os destruía novamente. Esta situação continuou acontecendo durante um bom tempo, até que a polícia desistiu dos despejos e a favela cresceu rapidamente (Guia de Serviços de Acari, SMTb e SMH da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; s/data).

No início dos anos 60, por incentivo do governo, a região recebeu fábricas, iniciativa que proporcionou a formação de um cinturão industrial na Guanabara, tornando Acari uma vila operária. Com a falência das fábricas, o cinturão deixou de existir, acentuando o crescimento da ocupação. Após este período, Acari se expande ainda mais, multiplicando as desigualdades sociais.

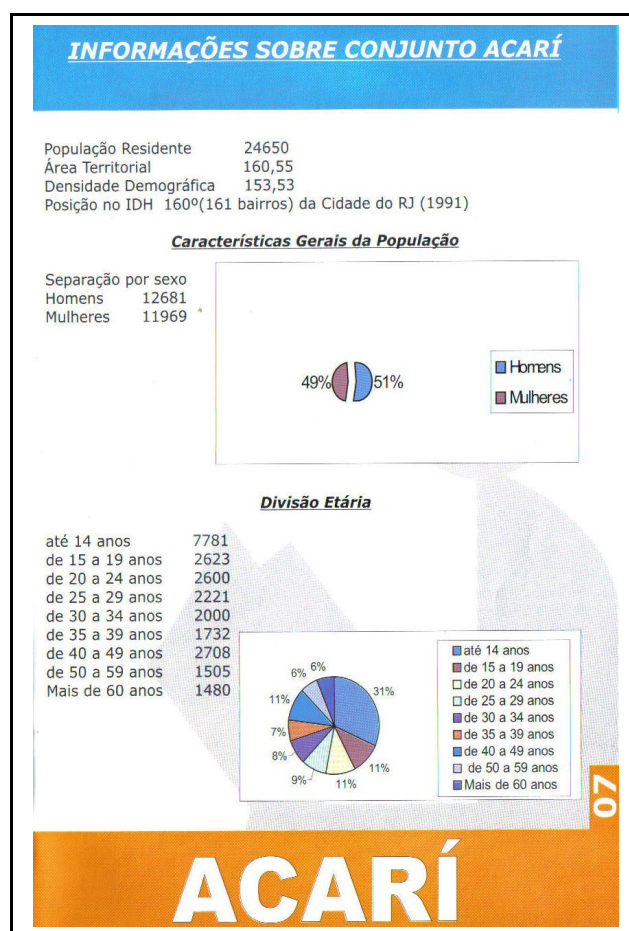
No entanto, nos últimos anos, alguns moradores de Acari expressam haverem conseguido resgatados valores de cidadania com projetos como a cozinha comunitária, a Vila Olímpica, o Hospital da Zona Norte além, do Favela Bairro. Estas conquistas foram significativas no sentido de apontar caminhos para o desenvolvimento local.

Hoje, passados 60 anos, Acari é considerado um dos maiores complexos habitacionais da América Latina. O conjunto Acari é formado pelas comunidades de

Vila Esperança, Vila Rica de Irajá, Beira Rio, Terra Nostra, Parque Unido e Parque Acari. As comunidades são predominantemente residenciais, oferecendo alguma variedade de comércio e serviços locais.

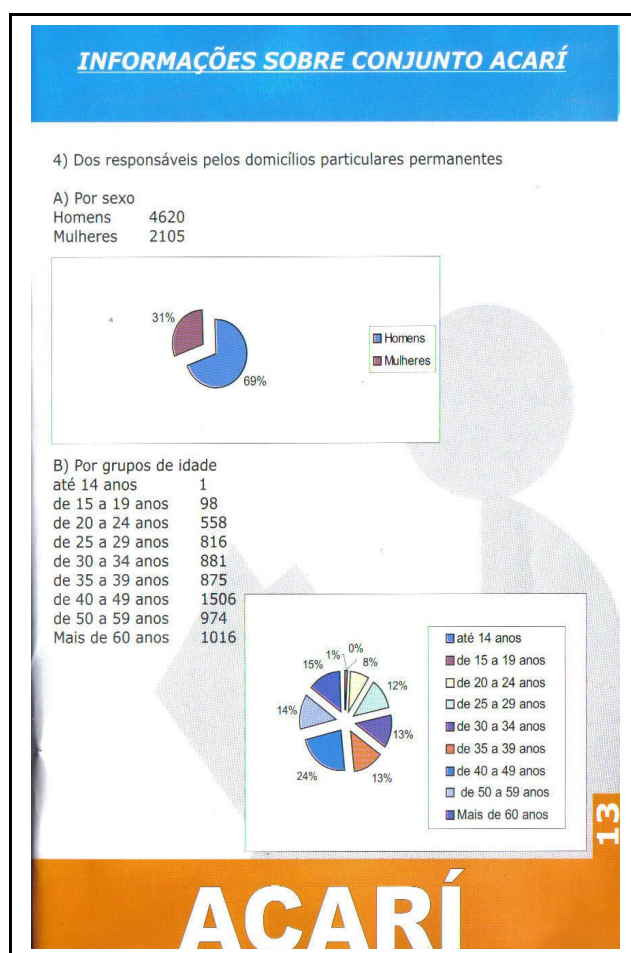
Acari, margeada pela Av. Brasil e com relevo regular, tem como vizinhos “de porta” os bairros da Pavuna, Coelho Neto, Irajá, Jardim América, Parque Columbia, Barros Filho e Colégio. Possui boa estrutura viária, fruto do fácil acesso a Av. Brasil, à Av. Automóvel Clube e do Metrô. Sua população residente é de 24.650 habitantes e a densidade demográfica é de 153,53 habitantes por m². (Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000) .

As características gerais da população de Acari, segundo dados extraídos do IBGE – Censo Demográfico de 2000 demonstram que no bairro de Acari a população infanto-juvenil predomina, principalmente a população de crianças e adolescentes de até 14 anos que totalizam 31% do total da população. A população de 15 a 24 anos contabiliza um total de 22% com referência ao todo (Gráfico nº 1).



\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

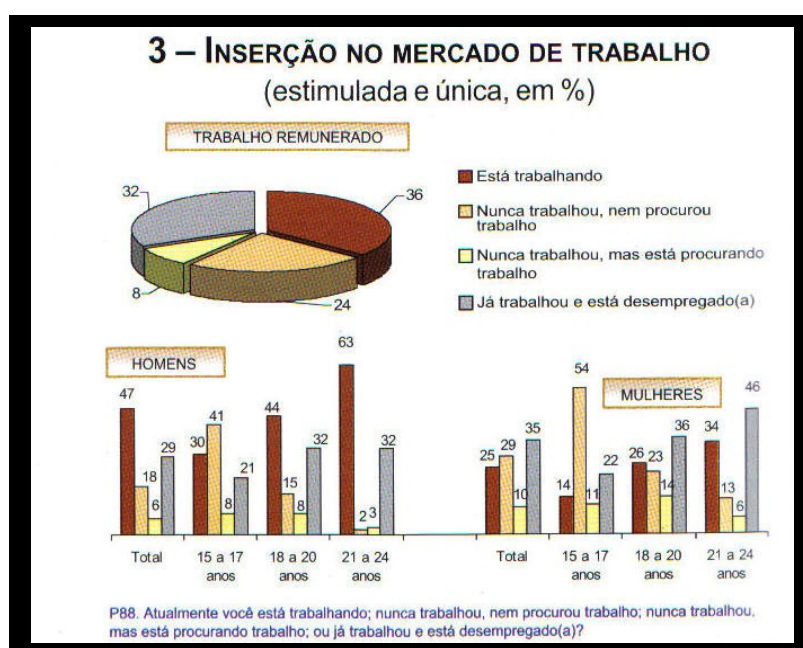
A relação da diferença de quantidade de homens para a quantidade de mulheres é mínima. Os homens estão em 51% para 49% de mulheres (Gráfico nº 1), sendo que quando se fala de responsabilidade dos domicílios, os homens predominam, 69% contra 31% (Gráfico nº 2). Acari é um bairro de predominância dos “chefes de família”, deixando nítido nesse sentido uma relação que valoriza a questão de gênero.



\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

Dentro dessa relação hierárquica, os jovens entre 15 e 24 anos começam a exercer cedo suas atribuições como provedor de seu domicílio (Gráfico nº 2). O que nos leva a refletir sobre as condições pelas quais os jovens são levados a assumirem tal atribuição.

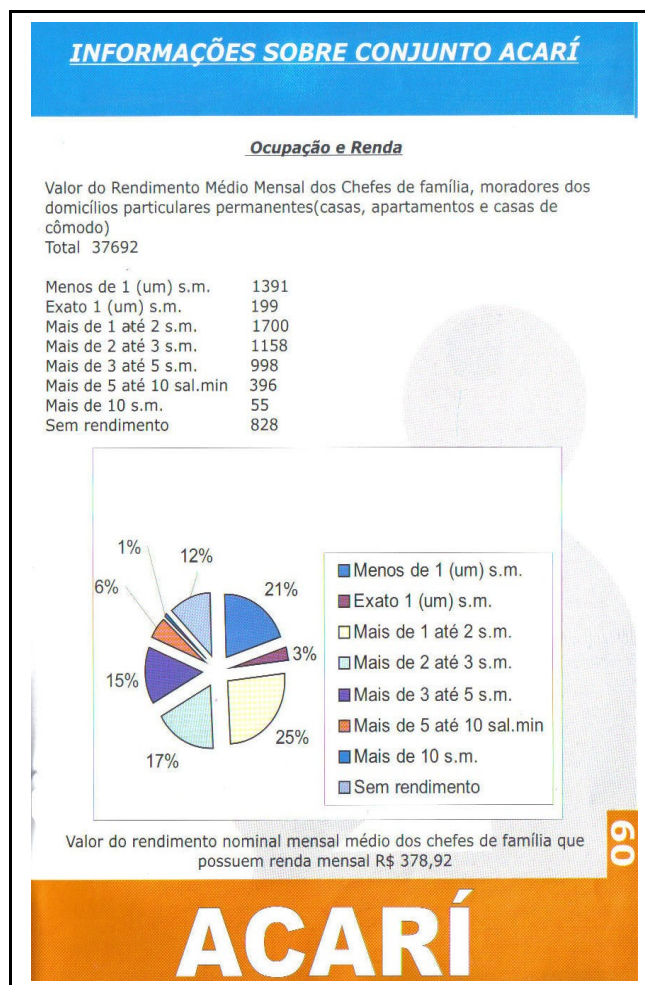
Segundo dados da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* de iniciativa do projeto Juventude / Instituto Cidadania com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do Sebrae, que utilizou como universo os jovens do território nacional na faixa de 15 a 24 anos, 36% desta faixa se encontram trabalhando e 32% desempregados. Desse universo, os homens constituem 47% que estão trabalhando e 35% são os que nunca trabalharam mais estão procurando e também os que já trabalharam mas se encontram desempregados(Gráfico nº 3).



\* Dados extraídos da pesquisa *“Perfil da Juventude Brasileira”* de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

Tal fato talvez possa ser explicado pela pobreza de grande parte dos jovens brasileiros, que os mesmos dados mostram que 42% dos jovens vivem em famílias com renda de até 2 salários mínimos. O valor do rendimento mensal dos chefes de família de Acari, moradores dos domicílios particulares permanentes, fica em torno de menos de 1 salário mínimo até 3 salários mínimos.

Dentre as famílias de Acari, os cinco rendimentos mais elevados são de 25 % que possuem um rendimento mensal de mais de 1 salário mínimo até 2 salários, 21% vivem com menos de 1 salário, 17% com mais de 2 até 3, 15% com mais de 3 até 5 salários e 12% sobrevivem sem rendimentos (Gráfico nº 4).

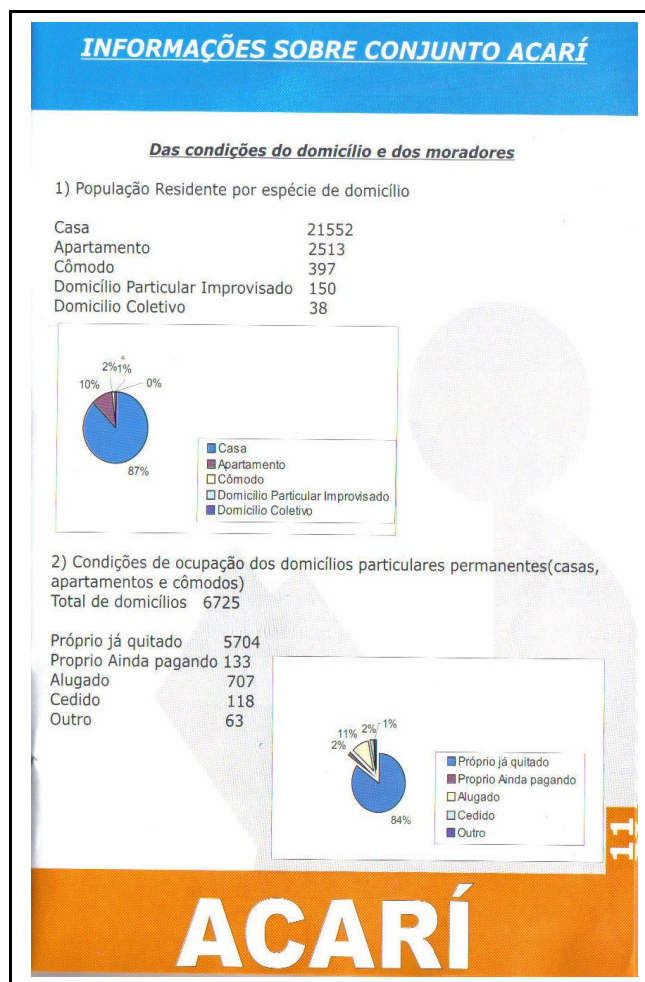


\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

Segundo dados do Censo 2000 do IBGE, compilados pelas Secretarias de Habitação e de Trabalho e Renda, o valor do rendimento nominal médio dos chefes de família que possuem renda mensal é de R\$ 378,92. O que de certa forma cerceia a liberdade de escolha desses jovens, por conta de suas possibilidades econômicas. Tal discussão será mais bem abordada no capítulo dedicado à juventude.

Acari é predominantemente feita de casas, 87%, contra 10% de apartamentos e 2% de cômodos. Estas três espécies de domicílios são, segundo a pesquisa do Censo 2000 do IBGE com os dados trabalhados pela Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e pela Secretaria Municipal de Habitação, denominados de domicílios particulares permanentes. Destes, 84% já se encontram quitados, 11% são alugados, 2% são cedidos, 2% próprios ainda pagando e 1% foram conseguidos de uma outra forma que não exemplificada (Gráfico nº 5).

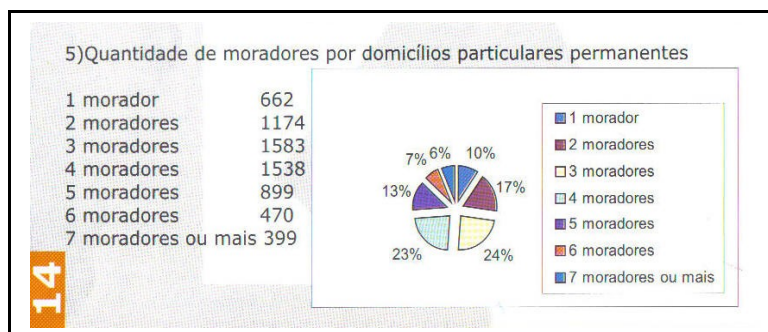




\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

Esta pesquisa do Censo 2000 do IBGE também faz menção ao destino do lixo residencial. A oferta do serviço de coleta de lixo atende em grande abrangência o bairro. Do total de 6.737 domicílios, na época do Censo, 5093 ou 75% tinham seu lixo coletado por serviço de limpeza, 22% tinham-no coletado em caçamba de serviço de limpeza.

Ainda sobre os domicílios particulares permanentes, as estatísticas do Censo mostram que as residências possuem de 2 a 4 moradores no geral. Mas também mostram que famílias de 7 moradores ou mais também possuem um valor expressivo para a realidade do bairro (Gráfico nº 6).



\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

O bairro de Acari tem um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Dos 161 bairros na Cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1991, ele está ocupando a 160ª posição.

O IBGE define favela, como: “Aglomerado subnormal (favelas e similares), é um conjunto constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.”

Vemos que pelo IBGE, a favela se caracteriza principalmente pela ausência, seja do título de propriedade do terreno, do ordenamento nas construções, de serviços públicos. No entanto no Censo 2000, realizado por este órgão, as chamadas favelas apresentam razoável oferta de serviços públicos. Elas conseguem contar hoje com uma oferta variada de serviços públicos, em que o grau e qualidade variam não apenas de uma para outra, mas mesmo dentro de cada uma as diferenças são marcantes.

Em Acari, Alvito (2001) percebe as distinções sociais entre as microáreas que compõem a comunidade. Conforme se dirige para o interior da comunidade, ele descreve que os estabelecimentos comerciais vão rareando, e o traçado geométrico da entrada da comunidade dá lugar a mais becos, “... são vias mais estreitas e sinuosas, com um nível de urbanização inferior às ruas propriamente ditas.”

Em cada comunidade de Acari que se percorre a constatação é a mesma, quanto mais se adentra, menos urbanização, mais sinuoso é o trajeto e há mais casas inacabadas. As distinções sócio-econômicas presentes no traçado das ruas e no

aspecto das casas (somadas a outros fatores como um marco geográfico, a origem dos moradores, a história da ocupação, etc.) contribuem para formar o que Alvito chamou de microáreas dentro de cada comunidade: Buraco Quente, Couro Grosso, Barreira, Bico Doce, Mangue Seco...

## 1.2 – A memória da “Chacina de Acari”

O denominado “Caso Acari” começou em julho de 1990, com o desaparecimento de onze pessoas, sendo três meninas e oito rapazes. Desses onze, oito eram menores de idade. Os “Onze de Acari”, como ficaram conhecidos, foram seqüestrados em um sítio, na localidade de Suruí, em Magé, na Baixada Fluminense. Este sítio pertencia à avó de um dos desaparecidos. Estes eram, em sua maioria, pertencentes à favela de Acari, ou de localidade próxima. Aparentemente, o grupo viajou para fugir de policiais que estavam tentando extorquir dinheiro de alguns deles que tinham envolvimento em assaltos e roubos de carga de caminhão. Estes jovens foram retirados desse sítio numa noite de julho de 1990, dia 26, por homens que se diziam policiais e nunca mais foram vistos.

O Rio de Janeiro continua colecionando um triste histórico de graves violações aos direitos humanos. (p.13) (...) As mães de Acari são apenas um dos exemplos heróicos de resistência dessa gente esquecida pelo poder público e vista pela sociedade sobre o índice do desvio. (Frei David in NOBRE, 2005, p.14)

O Estado continua violando os direitos de seus cidadãos. Tal fato pode ser notado quando se percebe que as classes dominantes criminalizam as classes populares associando-as ao banditismo, à violência e à criminalidade. Esta é uma maneira de “direcionar” o foco da violência na sociedade apenas para os marginalizados, residentes, segundo Coimbra, nos “territórios de pobreza”. E que portanto, nesta lógica, mereceriam todo o rigor da polícia, da suspeita permanente, da indiferença diante de seus legítimos anseios. Os direitos humanos são associados até hoje no imaginário das pessoas, no senso comum, com acobertamento da bandidagem, e da criminalidade.

A população pobre, os negros, os moradores de comunidades e periferias, e os mais diversos segmentos, enfim, ficam expostos às formas mais graves da criminalidade violenta. Continuam sendo não só os que têm os seus direitos cerceados, como são as vítimas preferenciais da violência excessiva, arbitrária e cotidianamente praticada pelo tráfico e pela entrada da polícia de forma violenta na comunidade. Segundo Frei David in Nobre (2005 : 15): “a polícia continua com uma cultura autoritária herdada de nossos tempos ditatoriais”.

Ana Lucia Enne em seu estudo sobre a memória e a identidade social dos moradores da Baixada Fluminense, se deparou com muitos pensadores como Huyssen, Proust e Ortiz, que têm apontado para a valorização da memória e para a tentativa de pensar as diversas categorias temporais como via de extrema riqueza nas análises das ciências sociais e no mapeamento da construção das identidades sociais.

Maurice Halbwachs in Enne (2001) contribuiu no âmbito das ciências sociais ao propor o conceito de memória coletiva e ao definir os quadros sociais que compõem esta memória. “Para o autor, não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas agências e instituições sociais” (Idem: 2001).

Ainda nessa perspectiva, Rita de Cássia Freitas (1998) cita Henry Rousso, que argumenta que a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual, que realiza uma representação seletiva do passado, onde este jamais poderá ser do indivíduo isolado, mas sim inserido num contexto social, coletivo e familiar. Sendo assim:

A memória constitui um elemento essencial da nossa identidade, da maneira como nos apercebemos dos outros e de nós mesmos. E essa memória não é neutra nem a - histórica; ela está sempre vinculada ao nosso momento sobre seu passado, de qualquer forma, ele falará do seu presente, com as palavras de hoje. (FREITAS, 1998, p.96)

Por meio da Chacina de Acari, historicamente marcada pela brutalidade das ações policiais, traçamos um elo com a possível memória adquirida coletivamente na favela e que esses adolescentes, de alguma forma, possam ter tido desta tragédia urbana. “Para se ter uma memória coletiva, é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória” (Enne, 2001). Este episódio ocorreu durante o governo Moreira Franco (1987 – 1990), no qual houve não só uma intensa repressão ao crime organizado como, igualmente, a polícia militar considerava as populações subalternas inimigas. No dia seguinte ao seqüestro, os jornais noticiaram este episódio e foi a partir daí, que as famílias das vítimas tomaram conhecimento do desaparecimento dos jovens.

## **Capítulo 2**

### **Os jovens de Acari: Memória e Vivências**

#### ***2.1 – Alguns elementos sobre a juventude***

(...) Ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas, sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente construídos. (CASSAB, 2001, p.63)

Segundo Abramo (2005), a Juventude nasce na sociedade moderna ocidental tendo seu desenvolvimento no século XX, como um tempo a mais de preparação, sendo esta caracterizada pela formação oferecida pelas instituições especializadas (as escolas), para a complexidade das tarefas de produção e sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Cassab (2001) sustenta que: “Em cada período histórico e nas várias formações sociais, as concepções, as representações, as funções atribuídas aos jovens na vida social e a compreensão de seu desenvolvimento serão diferentes”.

Para Marx, as condições concretas de vida determinariam o homem, mas dialeticamente, este mesmo homem é um sujeito social, capaz de alterar a sua trajetória de vida.

Mesmo tendo percepções de vida que de certa forma determinariam ou condicionariam a realidade desses jovens, não podemos esquecer do poder transformador das lutas sociais em dimensões de classes, que em diversos momentos políticos importantes de nosso país foram essenciais para alterar o curso de vários acontecimentos na sociedade, e que, de alguma forma, marcam e questionam estes jovens.

Identificar o perfil dos jovens brasileiros na atualidade foi o objetivo do Instituto Cidadania, através do Projeto Juventude, que trabalhou com um universo de 34,1

milhões de jovens do território brasileiro, na faixa de 15 a 24 anos, o que totalizou no Censo 2000 do IBGE 20,1% do total da população. O “Perfil da Juventude Brasileira” foi uma pesquisa que procurou relacionar aspectos diferentes da realidade dos jovens com suas práticas, seus valores e suas opiniões. Tal pesquisa traz um conjunto de novas informações e conhecimentos estatisticamente representativos que buscam contribuir para enriquecer diagnósticos e leituras que podem embasar melhor os debates que se processam sobre as políticas de juventude e sobre as abordagens do tema que vêm sendo feitas.

Por esta pesquisa podemos observar que a postura que os jovens de hoje estão tendo com relação a diversos aspectos da vida em algumas situações, tem se mantido e em outras mudado. As perspectivas de mundo que esses jovens apresentam estão demonstrando que eles têm se preocupado com valores coletivos e sociais.

Quando questionados a respeito dos valores mais importantes para uma sociedade ideal, em ordem de prioridade do primeiro ao quinto lugar, temos a solidariedade (55%), respeito às diferenças (50%), igualdades de oportunidades (46%), temor a Deus (44%) e justiça social (41%) (Gráfico nº 7).



\* Dados extraídos da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

Tais estatísticas aparentemente demonstram que os jovens brasileiros estão se referindo a ideais de uma sociedade progressista que se baseia em valores pessoais e valores coletivos, como a solidariedade, o respeito às diferenças, o temor a Deus, como as vias de mudança da sociedade.

No entanto, outros estudos entre os quais os de Paul Singer, demonstram que, em verdade, a grande maioria dos jovens se revela autocentrada e desinteressada da resolução das questões sociais à sua volta. Sustenta o autor:

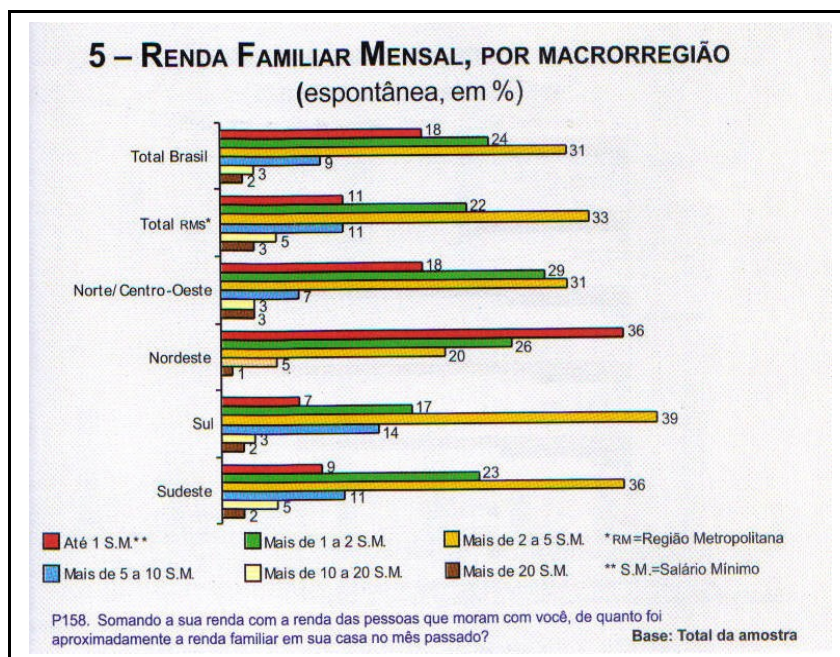
Em teoria, o mundo padece de violência, miséria e fome, desemprego, uso de drogas etc., e a maioria dos jovens acha que isso deve mudar e que eles, jovens, podem fazer com que o mundo mude. Na prática, apenas 2% estão fazendo e outros 20% querem fazer que isso aconteça; 68% nunca pensaram; e 10% pensaram e desistiram (*pergunta sobre a intenção de fazer trabalho social ou negócio no bairro, bom para a comunidade*) (Anexo nº 2). Por que tantos jovens acham que a juventude pode fazer do mundo algo melhor e tão poucos manifestam a intenção de se engajar em algo que pode ajudar a comunidade? (SINGER, 2005, p.35)

Paul Singer com esta indagação traz à luz componentes do jovem atual, contraditório em suas concepções e que não sabe muitas vezes aquilo que quer e o que realmente faz pela mudança da sociedade, a começar pelo interesse no local onde mora.

Apesar do jovem de hoje demonstrar em diversas ocasiões que sabe o que quer, existem ambigüidades em suas respostas que se tornaram para o referido autor, objeto da tentativa de traçar um paralelo e um possível motivo para tal contraste.

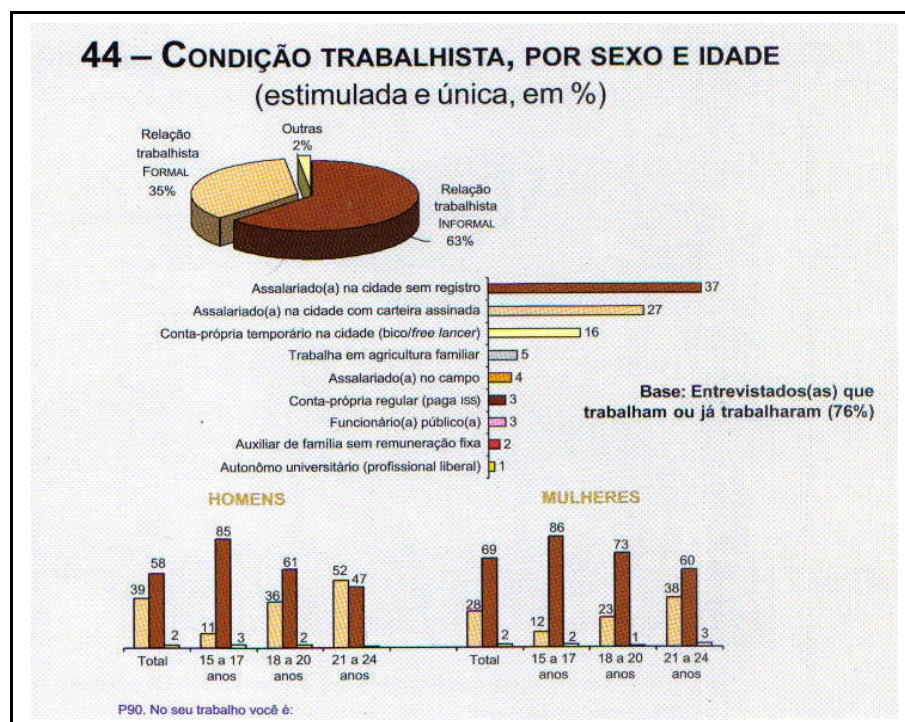
Segundo dados da pesquisa do Projeto Juventude, 42% dos jovens vivem em famílias com renda de até dois salários mínimos e outros 31% em famílias com dois a cinco salários mínimos (Gráfico nº 8).





\* Dados extraídos da pesquisa “*Perfil da Juventude Brasileira*” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

Grande parte destes jovens representa os 40% que estão desempregados e os 36% que trabalham, a maioria na informalidade (Gráfico nº 3 na pág.15 e gráfico nº 9). (SINGER, 2005, p.35)



\* Dados extraídos da pesquisa “*Perfil da Juventude Brasileira*” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

É a realidade de vida de cada um que impede muitas vezes que estes jovens sejam ou façam aquilo que eles sonham para si, para os seus e para a sociedade em que vivem. Eles têm de “cuidar antes da própria sobrevivência, evitando serem tragados pela violência criminosa ou mergulhando nela, como alternativa menos pior” (SINGER, 2005, p.35).

A realidade que é vivenciada pelos jovens pobres de hoje, é uma realidade que é marcada pela exclusão social, cultural e, também, política. Os ideais de uma sociedade mais justa, fraterna e igual, povoam os pensamentos de segmentos minoritários da juventude. Ao elaborar sua linha de pensamento Cassab (2001) faz menção às diferenças que se colocam entre o jovem de classe média e os jovens pobres dentro dessa sociedade de desiguais e de exclusão, e que irão, em níveis e graus diferenciados, interferir na forma como esses jovens encararão o mundo.

A adolescência e a juventude são estágios da vida em que a identidade vai se formando. É a época de descobrir-se, de estabelecer vínculos de amizade, namoro, trabalho. É tempo de incerteza e ao mesmo tempo, eternidade. Os dramas, as paixões, os medos. E é de fato uma época em que as responsabilidades e as “cobranças”, por parte de diversos segmentos, incidirão na forma como este jovem vai lidar com o mundo e estabelecer relação com ele.

Soares (2004, p.137) sustenta que a identidade só existe no espelho e que esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento desses:

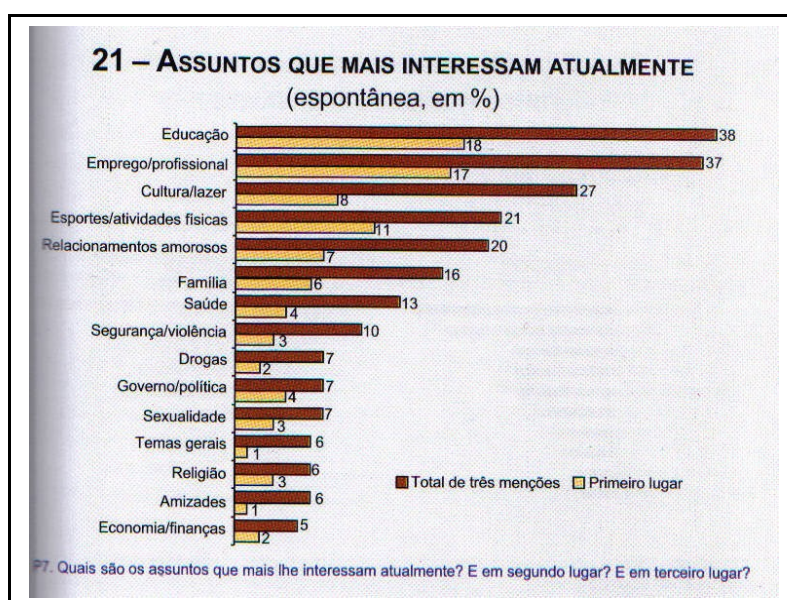
A identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros. É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. (SOARES, 2004, p.137)

A questão da identidade do jovem passa pela idéia de reconhecimento por parte de um determinado grupo, o que pressupõe a idéia de pertencimento. O indivíduo precisa se sentir parte de algum grupo para se sentir alguém. Por isso se observa entre a massa jovem, os “grupinhos”.

Ou seja, todos precisam de uma experiência de relacionamento em grupo, de uma “experiência gregária” (SOARES, 2004, p.138), para construir as suas características pessoais. A identidade é uma construção coletiva e o pertencimento

a algum grupo é a manifestação de que sozinho você não terá a visibilidade tão desejada.

Essa construção da identidade dos jovens passa pelos seus interesses e desejos, por suas expectativas e projetos e segundo dados da Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, dentre os assuntos que são mais interessantes para a juventude brasileira, 38% julgam como sendo a educação um dos três temas que mais lhe interessa, seguida de 37% que vêem o emprego e o profissional como sendo de seu maior interesse e 27% que têm na cultura e no lazer um dos três temas que mais lhe vem à cabeça quando questionados sobre os assuntos que mais lhe interessam atualmente (Gráfico nº 10).

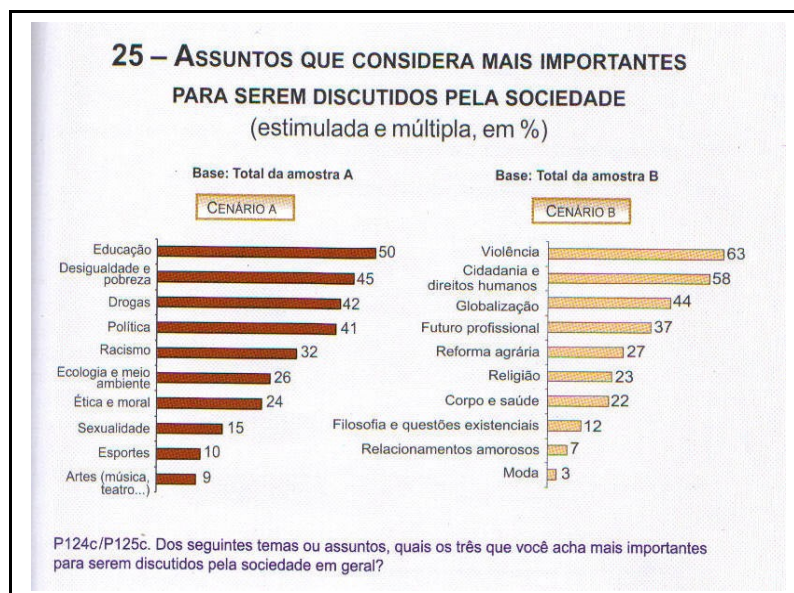


\* Dados extraídos da pesquisa “*Perfil da Juventude Brasileira*” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

Quando perguntados em primeiro, segundo e terceiro lugares, a educação sai na frente com 18%, seguida do emprego/profissional com 17% e esportes/atividades físicas com 11% (Idem Anexo anterior).

Estes dados mostram que temos uma juventude que demonstra ter interesse por determinados assuntos que influenciarão no seu futuro ou que já estão influenciando no presente. No imaginário nacional, os jovens associam a educação (50%) e a violência (63%), como sendo assuntos de suma importância para discussão na sociedade (Gráfico nº 11).



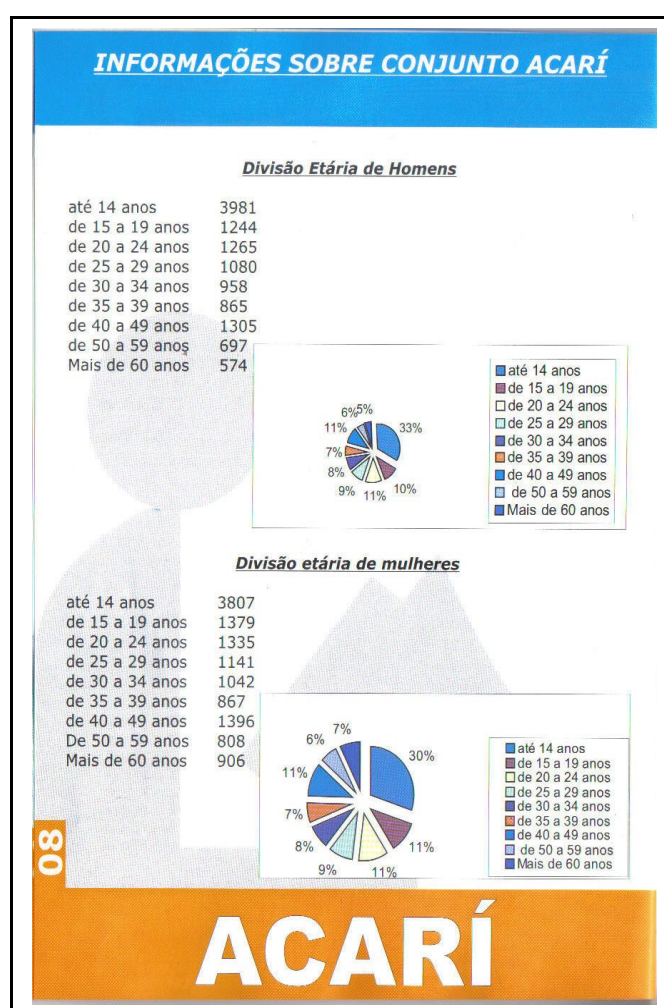


\* Dados extraídos da pesquisa “*Perfil da Juventude Brasileira*” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

E como é ser jovem no Brasil hoje, Cassab se pergunta (2001, p.75). Ela traça uma trajetória que percorrerá, devido a dados que sustenta esta linha teórica, a vida dos jovens por duas vertentes: a da escolarização e a da inserção dos jovens no mercado de trabalho. Não fugiremos deste desenho metodológico, sendo estas duas categorias, ótimas formas de entender a juventude hoje e em especial, a juventude de Acari.

## 2.2 – Jovens de Acari: Características e Vivências

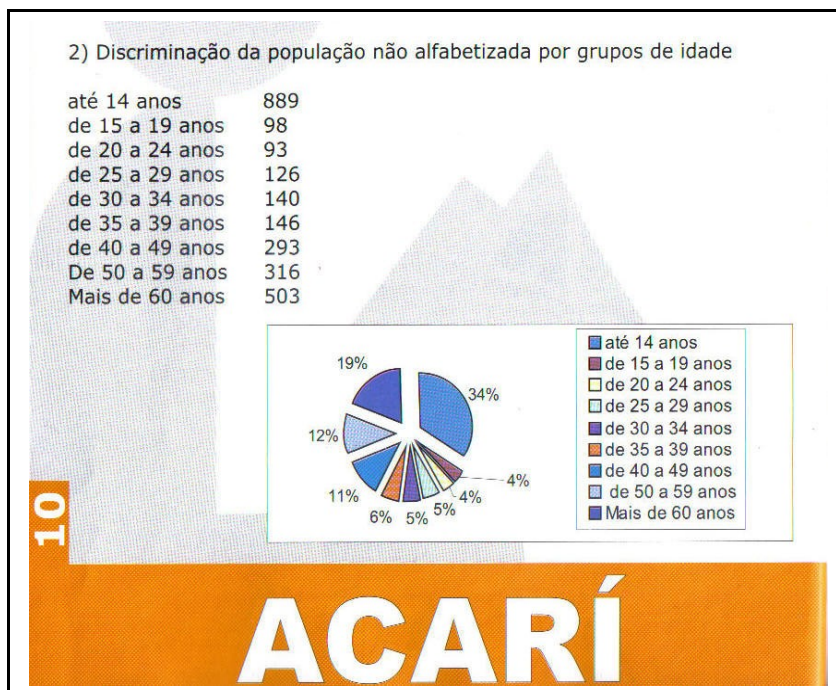
Acari é em massa infanto-juvenil. Como já citado acima no cenário do bairro de Acari, a juventude totaliza 53% da população, sendo contabilizados aqui os percentuais das crianças de até 14 anos (31%) e o dos jovens de 15 a 19 anos (11%) e de 20 a 24 anos (11%). Sendo que dentro destas faixas de idade em 2000, do total de homens e de mulheres que haviam, os homens eram em maioria, 33%, até 14 anos, enquanto 30% eram de mulheres. Nas faixas de 15 a 19 e de 20 a 24 anos, os índices se aproximavam, é claro que com universos diferentes (Fonte: Guia de Serviços de Acari; Gráfico nº12).



\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

Quando o assunto é a alfabetização (ou a ausência dela), temos um índice muito alarmante, onde se observa que as pessoas que se encontram na faixa de

idade de até 14 anos, não estão tendo uma alfabetização como deveriam e isso implica em altos níveis de analfabetismo, para a idade. Cerca de 34% da população não é alfabetizada. Posteriormente os índices voltarão a crescer com os de 40 a 49 anos (11%), de 50 a 59 (12%) e com os de mais de 60 anos (19%) (Fonte: Guia de Serviços de Acari; Gráfico nº 13).



\* Dados extraídos do Guia de Serviços de Acari – Secretaria Municipal de Trabalho e Renda e da Secretaria Municipal de Habitação;

Para além destes breves dados a respeito da população jovem de Acari, temos as percepções obtidas em dois dias de entrevistas realizadas com um total de 15 jovens entre eles 9 meninos e 6 meninas na faixa de idade entre 14 e 17 anos.

Os jovens entrevistados demonstraram interesse e abertura a tudo que era proposto. Em todos os momentos se colocavam à disposição para ajudar naquilo que fosse preciso. Os que apresentavam uma aceitação maior e aparentavam possuir características de liderança no grupo, auxiliavam no andamento das entrevistas e eram sempre muito sinceros em suas respostas o que gerou situações às vezes, bastante engraçadas e também bem tristes.

Nos utilizamos de dois grupos coesos nos quais, seus membros, demonstravam ter bastante conhecimento entre si, o que nos auxiliou com as respostas e também com um bom ambiente durante as entrevistas. Todos estavam

muito à vontade. Em momento algum sentimos constrangimento nas falas ou qualquer tipo de bloqueio devido às perguntas feitas.

### ***2.2.1- O espaço da investigação empírica***

O espaço para a realização da observação empírica foi escolhido com base na experiência de estágio vivenciada por uma das graduandas que, durante um ano, teve suas atividades de treinamento profissional realizadas em 7 quartéis: EsCom, EsMB, ESIE, 57°BIMTz, 2°BI, BesCom e RESC, todos situados a Vila Militar em Deodoro.

Tais unidades são parte integrantes do PRCC (Programa Rio Criança Cidadã), do qual mais 10 quartéis são compreendidos. Este é um dos Programas que fazem parceria com o Projeto Pleitear (Plano Emergencial de Atendimento Integrado ao Adolescente em Situação de Risco) da Pastoral do Menor.

O Pleitear tem por finalidade contribuir na formação geral de mais de 1000 jovens adolescentes em situação de risco (ou probabilidade de risco) pessoal e social, oferecendo elementos à sua formação através de uma proposta de trabalho educativo a ser desenvolvido no aprendizado prático, o “learn action” ou ‘aprender fazendo’. (Relatório 2004 – Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro)

Para que tal finalidade seja alcançada o Projeto conta com oficinas de aprendizado prático, realiza atividades voltadas para a cidadania, cultura e lazer, mundo do trabalho e reforço escolar, que propiciam a reflexão de temas de interesse desta faixa etária. As atividades das estagiárias passavam pelo acompanhamento e monitoramento dos adolescentes inseridos no projeto e também das referidas oficinas e atividades desenvolvidas pelos órgãos parceiros.

O primeiro bloco de entrevistas foi realizado no dia 22/05/07, na unidade militar das forças armadas do exército 57° BIMTz (57° Batalhão de Infantaria Motorizada) situada na Vila Militar no bairro de Deodoro, com 9 jovens rapazes e o segundo bloco foi realizado no dia 03/06/2007 no 1° Depósito de Suprimentos (1°DSup) no bairro de Triagem, com 6 jovens meninas.

### **2.2.2.1 – Elementos qualitativos da investigação**



## A - O Consumo

Em Acari os temas também não são outros, porém em termos de comparação de vezes citadas, a violência parece ser o tema da vez para estes jovens. É o assunto mais importante a ser discutido e o que tanto os meninos quanto as meninas são “experts”.

Mas os jovens de Acari não são somente “experts” na vergonhosa realidade da cidade e do seu bairro (a violência), mas também o são quando o assunto é o consumo. Estar na moda é um atributo muito importante para distingui-los dos demais. “De segunda a sexta-feira eu também me visto todo de Nike.” (C.A. 16 anos)

Os indivíduos não são fantoches manipulados pela propaganda, como se costuma pensar. Se grande parte deles se deixa persuadir pela propaganda é porque, em certa medida, encontra na posse dos objetos industriais um meio de realização pessoal. Essa aspiração à realização é o motivo do anseio pelos objetos ditos de consumo. (COSTA, Jurandir Freire. 2005, p.79)

É interessante observar como os produtos de marca são importantes para a auto-estima, principalmente dos meninos. Ao vê-los falando da forma acima citada, talvez em um primeiro momento venha à cabeça a observação feita por Costa (2005) sobre os fantoches. E não é mentira tal argumentação. Os adolescentes e jovens de hoje são muito auto-influenciáveis. E isso se demonstrou em diversos momentos de nossa pesquisa empírica. As respostas em diversos momentos, das entrevistas grupais que fizemos, eram influenciadas pelas respostas dos outros.

Se fossemos avaliar pelos ídolos que os meninos têm e os sonhos que possuem, os modelos propaganda de realização pessoal, financeira, afetiva etc, os que desfilam com as marcas mais “da hora” para eles, são os jogadores de futebol. Que em muitos casos tiveram uma origem pobre assim como a que eles têm hoje. Eles são os modelos de como se vestir e de como fazer para ser bem sucedido no jogo da vida.

Nesse sentido a formulação de Costa (2005) é totalmente real e atual. O desejo de realização pessoal é o que move meninos e meninas, porém em maior proporção os meninos, a quererem possuir tamanha representação do sucesso e terem uma “identidade jovem diferenciadora que é fortemente associada a determinados ícones de consumo” (CASSAB, 2001, p.131). As imagens que estão associadas a estes bens

é que vão gerar seu consumo, ou seja, “todo seu processo de produção está envolvido também pela produção e pelo consumo da informação.”(Idem).

## **B - A necessidade da diferenciação: a condição social dos moradores**

Um dos argumentos utilizados pelos meninos para tanta “produção”, é a necessidade de diferenciação dos outros meninos que são do “Morro da Pedreira”, que segundo os jovens de Acari, são de condições financeiras muito inferiores às dos moradores de Acari. Exemplos de moradores “bem de vida” em Acari não faltaram.

Foi inevitável a comparação por parte dos entrevistados com os jovens do Morro da Pedreira. A sensação de rivalidade existente foi identificada em nossa pesquisa. Talvez em parte justificada pelas diversas vezes que os meninos da “Pedreira” tomaram à força seus pertences.

O aparato de objetos caros e elegantes é o signo, por excelência, da distinção social de seus possuidores. Por isso passaram a fazer parte da identidade pessoal dos mais abastados e, por extensão, da imensa maioria da sociedade. (COSTA, Jurandir Freire. 2005, p.79)

Esta necessidade de caracterizar os jovens do Morro da Pedreira pela ausência de determinados objetos caros e de marca, também pode ser uma justificativa para estigmatizá-los como mal-educados, rudes, brutos e que por isso, fatalmente, estariam propícios a enveredarem para o caminho do crime e dos pequenos delitos, em princípio, para suprirem suas necessidades de consumo. “Consumir, hoje, é muito mais do que adquirir mercadorias que atendam a determinadas necessidades dos sujeitos: este ato envolve todo um universo de idéias e imagens que estão agregadas às mercadorias.” (CASSAB, 2001, p. 154)

Nesse sentido o consumo se transforma para os jovens pobres de hoje, no que Cassab chama de “veículo do narcisismo” (2001, p. 160), uma forma de se metamorfosear naquilo que gostaria de ser e ter. T tamanha valorização acaba por produzir nos sujeitos uma “confusão” na qual os objetos que desejam ou possuem se tornam parte desses sujeitos.

## **C - Os jovens de Acari: percepção da escola, o que fazem e como se vêem**

Do total de entrevistados, quando perguntados sobre o que mais gostam na escola, as “amizades” e “namorar” foram citadas em primeiro lugar, seguidos de “estudar” e “matemática”. Com quantidades inferiores ficaram “Educação Física”, “Português” e “Química”.

Dentre as meninas, os argumentos de quase a maioria delas, de que não tinham nada que gostassem na escola, foram alarmantes. Até relatos de vandalismo na escola foram citados. “É uma rebelião! Eles (os meninos) jogam bomba dentro do banheiro.” (N. T. 16 anos) e também, “Eu gosto do intervalo porque as aulas são sem graça, os professores são sem graça e ignorantes também.” (T.T. 15 anos)

Pelo visto a única coisa que elas gostam na escola são os intervalos para poder, assim como os meninos, fazerem amizades e namorar. A idéia de que a escola é chata, sem graça e desestimulante está contida nas falas das meninas. Nos parece que a escola vem perdendo os atrativos de conteúdo, metodológicos e de interesse de vida para estes jovens. Cassab em seu trabalho sobre jovens pobres e o futuro, expõe realidade semelhante e que foi por ela vivenciada em sua pesquisa, fazendo-a chegar à seguinte conclusão: “A escola aparece como mera etapa formal para que alcancem requisitos mínimos necessários para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda como proteção e diferenciação da figura de vagabundo” (CASSAB, 2001, p. 184)

“Eu gosto mais dos finais de semana, porque tem pagode, tem baile, a gente vai e dança muito (risos) Eu adoro final de semana!” (T.T.15 anos). Na pergunta sobre “o que mais gostam de fazer”, todos são jovens típicos de sua época gostam de ir ao baile funk e pagode, de “sair e zoar”, jogar futebol, dormir, comer, gostam de namorar, de ir a igreja, a lan house (é quase que unânime), de ficar na rua, de ir à casa da namorada (o), de “ficar”, dentre outros.

Quando perguntados a respeito de sua auto-descrição, características pessoais como a simpatia, a tranquilidade e a facilidade de fazer amizades são maioria. Da parte das meninas a clareza com relação aos seus próprios defeitos foram surpreendentes.

Sou chata, insuportável e ignorante (N.A. 15 anos).

As vezes eu sou muito estressada, desconto muito nos outros. As vezes eu fico tão estressada que eu não consigo falar com ninguém. (...) Eu não sou muito barraqueira, só arrumo briga as vezes. As vezes eu também sou um pouco nojenta, as pessoas pensam que eu sou nojenta mas eu não sou não. E as qualidades? Qualidade, eu tenho muitas qualidades, sou muito amiga, muito companheira, sou leal. (N.T.16 anos)

A contradição nas falas tanto dos meninos quanto das meninas se fez presente e o mais interessante foi a sinceridade com que eles levaram à cabo as entrevistas. É claro que em determinados momentos, só com muita destreza para controlá-los, mas nada que fugisse ao controle.

Os que se julgavam tímidos também se manifestaram em suas auto-descrições. Em determinados momentos a timidez foi utilizada como um sutil recurso para sair rapidamente das perguntas feitas sem maiores comprometimentos. Ao percebermos tamanha tática, que é natural quando não se conhece o que estar por vir e o que o entrevistador quer ouvir, com as mesmas perguntas porém reformuladas, reiniciamos o assunto.

Poucas eram as pessoas que realmente aparentavam e se portavam como possuidor de tal característica. Quando perguntados sobre o que mais gostavam de fazer eles gostavam de sair, de curtir, de “zoar”, mas no momento em que eram para se descrever, eram tímidos.

A ordem das perguntas nos possibilitou uma observação curiosa. A primeira pergunta, sobre o que mais gostavam de fazer, expressou aquilo que muitas vezes eles gostariam de ser e fazer, e que acuados pelas respostas dos amigos, sentiram-se obrigados a responder coisa semelhante. Mas em verdade não faziam ou não eram aquilo que diziam fazer e ser. O que foi totalmente perceptível na fala deles, também na pergunta seguinte, sobre como eles se descreviam.

### ***2.2.2 – Imagens da Violência: o cotidiano no bairro a partir da visão dos jovens***

## **A - A conjuntura atual e a questão dos “perigosos sociais”**

Eu gosto do bairro onde eu moro. Tem muitas coisas pra gente poder se divertir e muitas festas, muitos bailes... Só não gosto de lá quando tem violência. Porque a polícia só entra atirando em inocentes. E isso, né, afeta muito as pessoas e as crianças, que não tem nada a ver e acabam pagando. (N.T. 16 anos)

Vivenciamos nos dias de hoje em nosso país um “diagnóstico social de catástrofe” (Pastorini, 2004). Podemos observar diversas expressões desse diagnóstico nas mudanças ocorridas no mundo capitalista contemporâneo, criação de novas formas de trabalho, contratação de mão-de-obra, altos níveis de desemprego, ausência de expressão sindical, incremento dos níveis de pobreza e crescimento das desigualdades; se tornam exemplos do contexto em que se encontra o mundo do trabalho em decorrência do esgotamento do modelo Fordista-Keynesiano que se estendeu até começos dos anos 70 (Pastorini, 2004).

Tais mudanças no mundo do trabalho e na sociedade capitalista se fazem visualizar com maior nitidez, através do aumento do desemprego (o que deixa explícito a diminuição dos postos formais de trabalho e o aumento dos postos informais de trabalho) e da pobreza em sua dupla dimensão. “Por um lado, a pobreza “convencional”, que diz respeito à ausência de renda e às desigualdades de classe; por outro, mas interligado, é necessário não esquecer o empobrecimento que vivenciam alguns setores da população, outrora melhor situados socialmente.” (Pastorini, 2004).

Diante desse contexto, no qual o Estado se torna ausente de suas obrigações, as propostas neoliberais apontam para “o fim do “Estado Interventor”, para a redução do gasto público destinado às políticas sociais, para a desregulação das condições de trabalho, para o controle cada vez maior do capital sobre o trabalho. A participação do Estado tem se limitado a salvaguardar a propriedade e as “liberdades”, intervindo naqueles âmbitos nos quais o mercado não pode ou não quer (por não ser atrativo, do ponto de vista da lucratividade) dar resposta” (Pastorini, 2004). Essa isenção do papel do Estado perante as expressões da questão social tem influenciado consideravelmente a forma como o Estado encara e atua diante das mesmas.

A guinada estatal na direção das reduções de gastos com programas sociais deixa os desprovidos fora da esfera da dignidade, fator responsável pela elevação, a cada ano, do número de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, isto quer dizer que milhares de trabalhadores não conseguem, muitas vezes trabalhando, sobreviver dignamente. (WACQUANT, 2001, p. 2)

Os direitos sociais até hoje no Brasil traduzem-se em políticas e programas sociais que são dirigidos a dois públicos distintos: os cidadãos e os pobres. O padrão de atuação do Estado brasileiro, em seus distintos níveis de poder apresenta um traço clientelista, onde as políticas sociais comandadas por esse Estado reproduzem a subalternidade dos segmentos mais pobres da população, onde é reforçado, pois seu auto-reconhecimento como sujeitos dependentes dos favores personalizados do Estado (Cohn, 2000).

A expansão da violência no Rio de Janeiro, na atualidade, reeditou o tema das “classes perigosas”, não mais laboriosas, sujeitas à repressão e extinção (Iamamoto, 2001). Coimbra em seu livro “Operação Rio – O Mito das Classes Perigosas”, fala da questão do pobre e como este tem todo um histórico de discriminação, racismo, por parte da sociedade, desde as teorias eugênicas, passando pelos ideais higienistas do final do século XIX e início do século XX, que ainda influenciam a muitos, até os dias de hoje e como que este “perigo social” deve ser tratado.

Coimbra ao citar Rizzini (2001,p.91) descreve a existência de dois tipos ou “ordens” de pobreza, baseadas em uma escala de moralidade, que serão justificativas para uma estratégia de atuação: os “pobres dignos” e os “viciosos”. Os dignos seriam aqueles que possuem trabalho, mantêm a “família unida” e que costumam observar os costumes religiosos. Já os viciosos, seriam, basicamente, aqueles que não se encontram no mundo do trabalho, e que por isso vivem no “ócio, são delinquentes, libertinos, maus pais e vadios”.

Para qualquer uma das ordens, o poder disciplinador e as normas moralizantes serão justificativas para a repressão. Se para os “ociosos” tais atitudes são legitimadas pela sociedade, para os “dignos” também será mais de forma diferenciada, principalmente com relação ao risco de doenças, pois são mais “fracos” e mais “débeis”. Porém de qualquer forma ambos irão representar algo para a sociedade, sendo a punição para os ociosos mais severa, pois afinal:

Representam um “perigo social” que deve ser erradicado; justificam-se, assim, as medidas coercitivas, já que são criminosos em potencial. (...)

é para a parcela dos “ociosos” que se irá enfatizar o seu potencial destruidor e contaminador. (COIMBRA, 2001,p.91),

Neste contexto, renovaram-se os estigmas sobre moradores de favelas, os “territórios da pobreza” acentuando assim a segregação sócio-espacial e consequentemente restringindo o direito à cidade. A reprodução da criminalidade violenta nas favelas, o isolamento institucional de seus moradores e a criminalização de seus protestos e instâncias de ação coletiva terminaram por reforçar a “lei do silêncio” imposta pelos traficantes de drogas nesses locais e a submissão dessa população ao seu domínio (Leite e Oliveira, 2005).

Na década de 90 porém, as favelas passaram a ser tematizadas sobretudo pela violência e insegurança que trariam aos bairros. A famosa expressão “cultura do medo” marcou a percepção das favelas como ameaça à “cidade”, acarretando um adensamento dos estigmas sobre os seus moradores criminalizados por nelas residir, como também uma visão restritiva sobre seus direitos de cidadania.

Wacquant em seu trabalho *Os condenados da cidade* mostra que o Estado “situa estes locais como regiões – problema, áreas proibidas, circuitos selvagens, territórios de abandono a serem evitados e temidos por se fazer crer serem locais de vícios, violência, excesso de crime e desintegração social. Ali está uma população vista como exótica improdutiva e brutal”. (2001: 13).

A violência, na atualidade, vem crescendo intensamente nas grandes cidades brasileiras, violência essa atrelada ao trafico de drogas, a falta de oportunidades sociais e políticas, ao desemprego, a concentração de riquezas, a miséria, etc. A população de baixa renda, os negros, os moradores de favelas e periferias, os segmentos, enfim, expostos às formas mais graves da criminalidade violenta continuam sendo não só os que menos se beneficiam da proteção do sistema de justiça criminal, como as vítimas preferenciais da violência adicional praticada cotidianamente pelas polícias. Ela produz um efeito perverso de poder, proporcionando, sobretudo a estes pobres e marginalizados, a obtenção de bens a que não teriam acesso por outra via, assim como de uma visibilidade social que não alcançariam sem a posse ilegal de armas e sem a capacidade que elas lhes conferem de gerar medo.

O drama da juventude brasileira, hoje, especialmente os jovens pobres e negros, moradores de comunidades é o problema da estigmatização, do preconceito,

tornando-os um ser social invisível. Essa invisibilidade, esse estigma, esse não reconhecimento leva esses jovens ao sentimento de ódio, indignação, fazendo com que eles se tornem criminosos. Segundo Soares (2004): “Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva a invisibilidade – invisibilidade esta que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor”.

## **B – Invisibilidade dos jovens pobres**

A invisibilidade é um fator que começa no próprio lar, através da rejeição, do abandono, desprezo e diferença, levando à estigmatização. Realidades como a pobreza, menor acesso a oportunidades de trabalho, angustia e insegurança, vivência da rejeição na infância, fragilizando o desenvolvimento psicológico e emocional, aumentam as chances de levar os jovens à violência.

As classes subalternas empobrecidas parecem não ter expressão econômica na sociedade. Quando individualizadas, são estigmatizadas como as principais causadores da insegurança social. Esses sujeitos, formados pelos indesejados socialmente, ocupam subempregos e conseguem remuneração irrisória.

Como cita Wacquant, “as poucas condições influenciam nas escolhas lícitas ou ilícitas dos meios de consecução de algum provento no auxílio à ascensão de estratos sociais, na busca da estética vigente. De um lado, dos meios lícitos lhes são oferecidos subempregos e, por conseqüência, uma maior dificuldade de inserção social no mundo vislumbrado, ou seja, no meio dos “bem sucedidos”. Como corolário desta situação subempregatícia, dá-se o isolamento em bairros sem infra-estrutura e seus moradores, estigmatizados pela alcunha de criminosos.” (Wacquant, 2001).

O que se percebe, na realidade, é que esses jovens anseiam valores como o seu reconhecimento, valor e acolhimento, ou seja, a visibilidade perante a sociedade. Essa visibilidade é alcançada quando ele conquista um emprego, que lhe dá auto-estima, o apreço da família, da comunidade.

Há também a necessidade de participar de um grupo, ser membro de um grupo, porque é através dele que surge o sentimento do valor, de apoio mútuo, de



aceitação, etc. Eles lamentam o fato da favela ser um local associado somente a violência e que tal argumento limita as chances de oportunidades desses jovens de crescerem na vida. Não somente eles, mas muitos moradores de favelas ressaltam que a vida nas favelas não pode ser resumida à violência e ao tráfico de drogas. Mas o discurso rotineiro dos moradores de favelas refere-se também à violência praticada pela polícia nesses locais. Estes, por sua vez, atuam nas favelas de modo bastante diferente em comparação à sua ação no restante da cidade.

Suely Almeida ao refletir sobre a violência hoje, afirma que:

Na década atual, a violência é protagonizada de forma especular e mediática por polícias civis e militares contra integrantes das classes populares, revelando forte conteúdo, além de classista – racista, uma vez que produz vítimas, em sua maior parte, pobres e negras. (ALMEIDA, 2000, p.97).

Ao traduzir estas formas atuais de violência e preconceito por parte das autoridades policiais, um adolescente, morador de Acari, relatou sua experiência: *D.K.: “Estava no ‘piscinão’ de Ramos, maior Domingo. Tava eu e dois branquinhos. Só tinha eu de moreninho. A polícia deixou os dois branquinhos lá fora e me chamou.”*

*PM: “vem cá você pretinho”. (D.K. 17 anos)*

A violência policial contra as camadas populares se expressa com o uso de táticas de coerção, com o recurso a ataques violentos, inesperados, através de ameaças e intimidações que buscam silenciar protestos e denúncias, criando uma atmosfera de insegurança generalizada. Alguns moradores relataram a forma pela qual os policiais costumam entrar nas favelas, ou seja, de maneira violenta, assim:

O fato de ser comunidade, baixa renda, ou melhor, favela. Entram de forma violenta, sempre entraram, entraram com violência sempre... Ouço os meninos que estão desempregados, que ficam perambulando pelos becos. Eles [os policiais] dizem: - ‘estão vadiando’ ... Dão uns tapas em todo mundo. (fala de um morador extraído do texto: Violência e insegurança nas favelas cariocas, 2005, p.27,28).

A violência policial contra pobres, favelados, negros e outras minorias aparece freqüentemente nas imagens registradas pela mídia, que acabam produzindo um

debate público que se estende para além do interesse cotidiano da produção mediática e além do espaço de notícias.

Um adolescente, morador de Acari, contestou as imagens produzidas pela mídia, relatando: *“A mídia distorce os fatos. As pessoas moram nas favelas não porque são bandidos, mas porque não têm condições de morarem em outro local”*. (G.A.17 anos, jovem de Acari).

De um outro ângulo, a atuação das corporações policiais nas favelas, nos bairros pobres e periféricos, demonstra que ali se configura uma situação de uma “cidade escassa” (Carvalho, 1995). Esta observação é ressaltada por Márcia Pereira Leite e Pedro Paulo de Oliveira (2005):

Com frequência, é apenas no limite, quando a presença do Estado nos territórios favelados através de seus agentes resulta em violências tidas como intoleráveis, que os moradores explicitam sua revolta diante do tratamento recebido, da ausência de direitos, mas também de um mínimo de alteridade que os reconheça e respeite como pessoas. É por essa configuração que, em seus discursos, esses agentes aparecem como os principais responsáveis pela situação de violência experimentada nas favelas. (Leite e Oliveira, 2005, p.26).

A visão da polícia como instrumento essencial de manutenção da violência contra as classes subalternas é expressa por moradores da favela, assim:

*“Hoje a polícia chega com aqueles ‘caveirões’, que parece que ... é pra mídia, pra dizer que tá trabalhando entendeu? ...se de fato quisesse trabalhar, a linha de investigação é melhor. Você pega vagabundo dormindo e não é difícil não”*. (fala de um morador extraído do texto: Violência e insegurança nas favelas cariocas, 2005, p. 26).

O uso cotidiano da violência pelo aparato policial gera um sentimento de revolta nos moradores de Acari. Um jovem entrevistado afirma: *“Dá vontade de pegar eles (os policiais), de se vingar.”* (R.M.15 anos, jovem de Acari).

Os moradores de favelas falam de seu isolamento na cidade uma vez que o desrespeito a seus direitos humanos, em particular os civis, não é tematizado como uma questão pública, um problema da cidade. Todo este contexto, entretanto, remete os moradores de favelas à problemática elaborada no interior da “cultura do medo”: criticam a polícia, denunciam a violência do Estado.

Não podem confiar em uma política de segurança que não os contempla, em agentes do Estado que neles não reconhecem qualquer dignidade humana, que não consideram nem protegem sua cidadania e cuja presença no território, eventual e agressiva, se faz sempre contra os moradores. Vale lembrar, entretanto, que o recurso ao poder do tráfico nos territórios favelados decorre da própria modalidade de presença do Estado nestes locais aonde, como ressaltam Silva e colaboradores, “não há qualquer institucionalidade acessível e confiável para regular as relações cotidianas da comunidade. (Leite e Oliveira, 2005, p.21).

Por este motivo, “O abandono e o descaso do setor público em relação às favelas são lembrados como fatores que favorecem a existência de grupos que controlam o tráfico e que, desta forma, favorecem e mesmo estimulam uma escalada de violência na cidade”. (Leite e Oliveira, 2005, p.31).

A fala de um morador expõe de maneira clara a relação que há entre a polícia e o tráfico, classificando-a como “polícia bandida”, veja:

A polícia bandida... são bandidos também. Eles vêm na frente (...) eles saem e o pessoal [novo bando de traficantes] e aí fica. Cada um defende o território até ver quem vai ficar. (...) Quem entra ali [na polícia] é corrompido, é um mar de lama... (fala de um morador extraído do texto: Violência e insegurança nas favelas cariocas, 2005, p.29)

Segundo Almeida:

A violência policial ocasiona impacto direto no cotidiano de famílias brasileiras, determina rearranjos em seu interior e favorece a emergência da mulher na cena pública, que pouco a pouco, vai se constituindo como sujeito político, a partir da reivindicação de justiça. (ALMEIDA, 1998), um exemplo, as Mães de Acari.

Em Acari, os bandidos têm certo domínio sobre os moradores, no sentido de proibi-los de irem para o outro morro vizinho, conhecido como Pedreira. A questão do aumento do tráfico no bairro se deve ao lucro que este gera, ocasionado pela rivalidade que existe entre a “Pedreira e Acari”. É por isso que há uma rivalidade com os bandidos da Pedreira e os bandidos de Acari.

### **2.2.3 – Imagens da Memória destes Jovens: A Chacina de Acari 17 anos depois**

A memória, como parte da subjetividade humana, é, a um só tempo, uma função social e individual, ou seja, desenvolve-se como propriedade dos homens de um determinado tempo e cultura. Não se desenvolve, porém, em cada um deles com a mesma plasticidade, com a mesma profundidade e amplitude, já que tais características dependem das necessidades, das exigências, das condições socioculturais que se põem a cada um. (Inumar e Palangana, 2004, p.105).

De acordo com os argumentos de Inumar e Palangana (2004), pode-se dizer que o conceito de memória está atrelado à subjetividade humana. Esta é caracterizada como uma função social e individual, cada indivíduo irá desenvolvê-la de acordo com suas necessidades e com as condições socioculturais postas na sociedade para cada um deles. Pode-se dizer que existem modos particulares de se lembrar de fatos que ocorreram em determinadas épocas no passado.

Ecléa Bosi (1979) também elabora uma linha semelhante com as das autoras acima citadas, porém expõe um novo elemento que vem a complementar a riqueza que se constitui a substância social da memória - a matéria lembrada: “O grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique.” (1979, p.XXX)

Isto pode ser constatado nas falas dos jovens moradores de Acari, ao relatarem a Chacina, com realce em detalhes que apesar de nem se saber se são reais, estão fortemente gravadas em suas lembranças. Como foi o relato do R. R. de 15 anos a respeito do possível fim que tiveram os jovens naquela Chacina: “Ah! E eles foram comidos por leões, eles foram jogados para os leões.”

De fato, o que a memória deste jovem reteve transmite para ele uma mensagem de que aqueles jovens tiveram um fim brutal, e que quem planejou e executou tal ação, foram os policiais militares que até hoje continuam humilhando, torturando e matando em Acari.

O medo e a revolta se reafirmam e renovam cada vez que são relembrados os momentos de violência que já vivenciaram. Durante as entrevistas isto foi nítido. É natural que ao relembrarem a Chacina acontecida há 17 anos atrás, façam o exercício de ligá-las às Mães de Acari, que ainda até hoje vivem entre eles.

Minha mãe e minha irmã avó falaram para mim. Minha mãe conhecia umas das Mães de Acari. É muito triste lembrar desse fato, dá vontade de chorar. (J.R., jovem de Acari).

Meu irmão conhece a prima de um dos desaparecidos. (R.M, jovem de Acari).

Soube do Fato só pelo Linha Direta mesmo. Meus pais nunca falaram comigo a respeito da Chacina. (D.K, jovem de Acari).

A narrativa desses jovens nos remete às Mães de Acari, no percurso de sua luta para descobrir o paradeiro dos seus filhos, e de sua convivência, no sentido de não permitir que esse acontecimento caísse no esquecimento.

No caso específico da Chacina de Acari, a reconstituição da memória coletiva é um elemento fundamental para o não esquecimento da atrocidade cometida por policiais militares contra os jovens do bairro. Nesse sentido, a memória é a reinvenção de um passado em comum, que fornece fundamentos para que a sociedade interprete o presente, particularmente nos casos da violência urbana hoje no Rio de Janeiro. (Ferreira, 1996)

A importância dos familiares narrarem aos seus filhos os fatos ocorridos sobre a Chacina de Acari, permite que esses jovens construam uma memória a partir dessa escuta. Ao ouvirem tais fatos, eles contribuíram para a construção dessa história sob uma outra ótica, por eles viverem em um outro tempo, com outros valores e certamente, suas interpretações serão diferentes daquelas narradas pelos seus pais. Esses jovens, ao desenvolverem modos particulares das lembranças dos fatos, contribuirão para que eles não caiam no esquecimento. Sendo assim:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (Halbwachs apud Pollak, 1989, p. 4).

Segundo Enne (2001), Fredrik Barth é uma referência fundamental para pensar como a construção da identidade está estritamente ligada à constituição de fronteiras móveis, cuja determinação de limites acaba por contaminar a própria constituição da identidade de um grupo ou de um segmento.

Em seu estudo sobre a memória e a identidade social dos moradores da Baixada Fluminense, Enne nos mostra a existência de uma representação de Baixada Fluminense multifacetada, que compreende diversos significados e sentidos. Para

cada um deles, e de acordo com situações diversas, irá se estabelecer um tipo específico de interação que resultará em concepções distintas de identidade e que, embora haja um empenho em construir uma identidade positiva para o que se entende por Baixada Fluminense, existe, muitas vezes, apropriações contraditórias, outras similares ou até mesmo complementares.

Michael Pollak, em seu livro "Memória e identidade social (1992)", argumenta que a princípio, a memória parece ser um fenômeno individual, próprio da pessoa, mas que, de acordo com Halbwachs (2004), ela deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações e a mudanças constantes.

Segundo Pollak, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, seriam, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, seriam os acontecimentos que ele denominou de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa acredita pertencer. Seriam acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, em seu imaginário, tiveram grande relevância e que, ao final, torna-se quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Para o autor, neste segundo elemento, torna-se possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de identificação com determinado passado, tão forte que acaba sendo possível falar em uma memória quase que herdada.

Podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (Pollak, 1992, p.2).

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas que se fizeram conhecer por suas diversas vivências e ainda por personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa, mas que transmitem a memória adiante, e se tornam, como Chauí designa ao comentar o trabalho de Ecléa Bosi (1979), de recordadores.

Para Halbwachs (1990), lembrar não é um processo natural, mas sim uma construção social. Ele não nega a existência de uma memória particular, individual por assim dizer, mas o centro formador desta ainda seria a memória do grupo. Nesse

sentido podemos ter uma experiência que nos pareça única, de uma viagem, uma leitura, ou qualquer outra circunstância onde nos colocamos isolados do restante dos indivíduos. Ao lembrarmos desse momento em questão, acionaremos códigos que são sociais, códigos culturais que regem nossa racionalidade, nossa inteligência. Além disso, as motivações para que essa lembrança se faça presente serão provenientes da reflexão que formos capazes de produzir a partir dela, as percebendo de acordo com os quadros sociais .

Passados 17 anos, não há nenhum indício da localização do paradeiro dos jovens desaparecidos. A dor, a luta e a persistência das Mães de Acari ganharam espaço internacionalmente. A luta é por justiça, com o desejo de punição dos culpados e a efetivação dos direitos humanos. Essa luta mobilizou entidades de direitos humanos e virou um exemplo de esperança, cidadania e de coragem para o Brasil e para o resto do mundo.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. (Halbwachs apud Ferreira Elizabeth 1996:4-5)

Diversos discursos sobre a Chacina paginam o imaginário social. Em meio a tantos e diferenciados, não se consegue construir uma memória que, de fato, venha a ser real. A aparente sensação de que a luta dessas Mães não tem poder ou força suficiente, por conta das vidas tiradas e das causas que foram perdidas na justiça, se torna secundária vista à sua permanência e insistência no caso de Acari.

Independente dos elos que venham a faltar nessa história, pode-se concluir que há sempre na vida social várias memórias em construção, como por exemplo, a memória dos pais, dos filhos, das Mães de Acari, que algumas vezes podem ser conflitantes ou iguais. São essas memórias que se antepõem à memória do Estado, que até hoje nada fez para esclarecer o paradeiro dos 11 jovens que desapareceram nos anos 90.

É bem verdade, que o esquecimento é um dos maiores artifícios utilizados pela sociedade capitalista para que os sujeitos deixem de o ser. Os fatos do passado que são apagados, ou que até hoje não se explicaram, acabam por contribuir fortemente para a construção de uma sociedade sem memória e que, por conseguinte, também apresenta continuidade de fatos desumanos já acontecidos e que permanecem a acontecer.

Entre as famílias mais pobres, a mobilidade externa impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças. (BOSI, Ecléa. 1979, p. XX)

Um homem sem suas lembranças é um homem destituído de base consistente para lutar contra as desigualdades e desmandos desta sociedade de desiguais. Para os jovens entrevistados a recuperação desta memória se faz necessária para que eles possam ter sempre em mente que os agentes da violência são capazes de tudo. Para a polícia esta relação de poder e de medo que é estabelecida com os moradores de comunidades, contribui para que de, certa forma, o poder da polícia seja legitimado e continue firmado na sociedade e dentro das comunidades.



## **Capítulo 3**

### **Os Jovens de Acari e suas perspectivas de Futuro**

#### ***3.1 - A produção da subjetividade: A constituição dos sujeitos e de suas identidades***

Jurandir Freire Costa (2005) em seu trabalho a respeito das perspectivas da juventude na sociedade de mercado, traça duas alternativas, que soam para o autor como as duas saídas principais para este segmento da população:

1) Continuar a perpetuar um modo de vida que me parece pobre, por estreitar os horizontes da ação humana em uma só direção, qual seja, a do sucesso econômico, do cuidado obsessivo com o próprio prazer e da indiferença em relação ao mundo; 2) voltar-se para o outro, construir uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário à satisfação das necessidades elementares, para que , então, possamos ser, de fato, livres para criar tantas formas de sermos felizes quantas possamos imaginar. (COSTA, Jurandir Freire. 2005, p.86)

De fato, Jurandir em seu trabalho estipula duas saídas para esta juventude de hoje que é “manipulada” (2005, p.79) pela sociedade de mercado e que por sua vez reage com estranhamento às questões que afetam à sociedade. A primeira delas faz uma exposição a respeito do jovem atual, e a segunda faz alusão ao jovem engajado politicamente, que há tempos não aparece mais no cenário político com a mesma força, possuindo nas mãos o desejo de mudar a realidade que o cercava.

A ausência de perspectivas coletivizantes no ideário juvenil é uma constatação entre os jovens com que trabalhamos em Acari. Quando Singer (2005; p.35) faz menção à abstenção dos jovens brasileiros em se engajarem em trabalhos sociais dentro de sua comunidade visando a melhoria do mesmo, isto muito tem a ver com a formulação de Costa (2005), principalmente no que diz respeito à indiferença com relação ao mundo, à sociedade.

Pode-se dizer que as subjetividades desses jovens de Acari, estão sendo formadas em um “lugar de tensão”, que Cassab (2001) em seu trabalho sobre a

construção da subjetividade dos jovens pobres, explicita como sendo tensão entre o exterior e o interior, marcado pelos antagonismos sociais, e que por sua vez é produtor da subjetividade.

Os sujeitos serão sempre vistos como se constituindo através e no entrecruzamento de diversas linhas de força, que se movimentam tanto no sentido do sujeito para o mundo, como do mundo para ele. (CASSAB, 2001,p.141)

Pode-se dizer que dois fatores principais têm influenciado no sentido da construção da subjetividade desses jovens: a violência e o consumo. As imagens que são produzidas no consciente dos jovens por intermédio dessas duas categorias, são cruciais para a identificação do tema central deste trabalho. A juventude de Acari tem sido fortemente marcada pela “violência seletiva” (Relatório de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro, s/data).

Segundo o dicionário Aurélio (2000), seletivo é algo que é próprio para selecionar. E pelo que parece é justamente isso que acontece, e não é de hoje, em Acari. A violência não escolhe suas vítimas, qualquer pessoa está passível de sofrer com suas refrações. Porém um fato que não pode ser escondido e que se faz necessário denunciar, cada vez mais por sua frequência, é a violência que tem vitimizado os jovens negros, pobres e oriundos das diversas favelas da cidade do Rio de Janeiro.

A repressão, a força bruta e a falta de preparo por parte dos policiais que estão na ativa, acabam por “selecionar” aqueles que representam alvos em potencial, para que sejam dizimados antes que se tornem um perigo de fato. Relatos não faltam por parte dos jovens entrevistados de violações diversas cometidas por policiais militares. Mas o que justificaria os desmandos dos PM's aos moradores de comunidades carentes?

Para que a violência policial seja justificável, devem-se levar em conta três critérios fundamentais: a legitimidade e legalidade dos objetivos, a correspondência com a ameaça ou a resistência enfrentada (a força deve ser aplicada de forma proporcional à ameaça) e a uniformidade ou homogeneidade no tratamento da população. (Relatório de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro, s/data, IPEA , PNUD e Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

Muitos policiais justificam as atrocidades cometidas pela suspeita de ameaça, ou auto de resistência, e outros artifícios que são utilizados para encobrir seus desmandos. A legitimidade e legalidade dos objetivos muitas vezes não se justificam, segundo os próprios jovens entrevistados. “Os ‘polícia’ passaram com o ‘caveirão’ em cima dele, do Michel, o Michel... (indaga aos outros meninos se eles se lembram e todos fazem que sim com a cabeça), e colocou o corpo em cima do ‘caveirão’ e exibia como se fosse um troféu” (D.K. 17 anos).

O Michel era um adolescente amigo de alguns dos entrevistados que foi assassinado por policiais militares por se encontrar na rua quando o ‘caveirão’ adentrou a favela. Que ameaça poderia este adolescente, desarmado e sem nenhum tipo de vínculo com o tráfico, oferecer?

Com relação a igualdade no tratamento da população, a população pobre e favelada é muito menos igual que as demais pessoas para a grande maioria destes policiais. O que há, de fato, é uma igualdade apenas formal, que se encontra na Lei e não no cotidiano desses moradores, porque em suas realidades o que vivenciam é a desigualdade mostrando a sua face mais perversa.

A violência tem marcado profundamente a subjetividade destes 9 rapazes. Quando perguntados a respeito do que sentiam, o que vinha em mente quando aconteciam tais fatos, que sentimentos possuíam, as respostas foram duras e imbuídas de uma conotação de dor misturada com raiva.

Revolta! Vontade de se envolver e pegar eles! Vingança! Por isso que o tráfico de drogas não acaba. Os policiais pegam os moradores para esculachar. Dá revolta! E aí vai aumentando mais e mais... (D.K. 17 anos)

Os ‘polícia’ já começam de novinho a fazer corrupção. (...) Muitos matam eles de raiva! (...) Eles algemam os moradores (...) (A.E. 16 anos)

Cassab (2001) ao citar o pensamento de Wacquant sobre as revoltas de jovens das periferias das grandes cidades como demonstrações da violência do retorno dos seus traumas, aqui chamado fantasmagoria, (p.166) destaca: “Os acontecimentos que se tornam ‘esquecimentos’ não são simplesmente enterrados; eles retornam permanentemente, como uma fantasmagoria que acaba por irromper, muitas vezes de forma violenta.” (2001, p. 166)

Estes jovens fingem que esquecem o que vivenciam para sobreviver. Ninguém conseguiria viver de problemas ou de sofrimentos vinte e quatro horas por dia. Porém

não se pode esquecer de uma coisa, as violências vivenciadas nunca deixaram de provocar nestes jovens o sentimento de revolta e de magoa por terem sido tão chacoteados e diminuídos, no que isso pode se transformar na subjetividade desses jovens, somente o tempo poderá dizer.

A realidade do consumo, como bem desenvolve Cassab (2001), em períodos anteriores do capitalismo se resumia a suprir necessidades. A questão do status ou pertencimento a um grupo social, que permitia a construção de uma identidade, era adquirida através da inserção no mundo do trabalho. “Hoje, o consumo deslocou-se do atendimento das necessidades para a satisfação de desejos que são incessantemente sugeridos aos sujeitos.” (CASSAB, 2001, p. 155)

De acordo com o pensamento de Cassab (2001) hoje se consome de tudo, desde mercadorias de luxo até idéias e informações. Pode-se dizer que a grande máquina da propaganda e dos veículos de massa têm se empenhado a cada dia para que mais e mais produtos, carregados de valor e simbolismos sejam vendidos, ou melhor, consumidos. O simbolismo que tais produtos oferecem, recompensa o sacrifício financeiro.

Por isso é que muitos adolescentes quando têm seu primeiro emprego, logo com o seu primeiro salário pensam em comprar o celular mais moderno e mais caro que tiver, por exemplo. O intuito é ostentar e mostrar para os outros que agora a sua condição financeira não é mais o problema. Todos os sacrifícios são válidos, mesmo que depois não venham a ter dinheiro nem para recarregar o celular.

A idéia de consumo e do poder que decorre do status produzido pelo ato de consumir, tem deixado fortes traços indicadores da primeira estimativa de Jurandir Freire Costa (2005) para os jovens nesta sociedade de mercado, no sentido de continuar a perpetuar um modo de vida aparentemente pobre. É relativamente expressiva, no âmbito do universo utilizado nesta pesquisa, a associação direta do futuro com o sucesso financeiro e a melhoria do “status” até então adquirido. Independente das formas de obtê-lo.

### **3.2 - Jovens de Acari: O que esperam do futuro**

O que você espera para o seu futuro? Foi uma das perguntas do roteiro de entrevistas (Anexo nº1) utilizada nesta pesquisa e que nos proporcionou dados muito interessantes. Dentre os 9 meninos entrevistados, a resposta em comum era “ser alguém na vida”. E o interessante era observar como nestas falas a idéia do valor trabalho estava arraigada. É como se fosse resgatado dos ideários Varguistas a associação da cidadania ao trabalho, ou melhor, do cidadão ao trabalhador. E como sendo esta a única via, a única associação possível para uma melhoria de vida, e que hoje, devido às condições de vida e à pauperização da população, de fato o é.

Apoiada em Chauí, Potyara sustenta:

O desemprego deixa de ser acidental ou expressão de uma crise conjuntural, porque a forma contemporânea do capitalismo não prevê mais a incorporação de toda a sociedade no mercado de trabalho e de consumo. (CHAUÍ apud PEREIRA, 2001, p. 52)

É justamente este o problema que se coloca para que esta associação seja livremente executada. Na sociedade em que vivemos os postos de trabalho são escassos e em sua maioria informais. As mudanças no sistema capitalista moderno e as mudanças decorrentes no mundo do trabalho trouxeram, para a população pobre, mais pauperização e mais informalidade. Para um segmento que em sua maioria é destituído de estudo qualificado para assumir os postos de trabalho no setor formal, as oportunidades concretas de aquisição de uma vaga de emprego na “formalidade”, fica ainda mais distantes.

Ana Maria Neto e Consuelo Quiroga em seu estudo sobre a juventude urbana pobre, expõem a questão da informalidade dos postos de trabalho e como estas características estão afetando esta parcela da população:

Transitando todo o tempo pelo mercado, tangenciando o formal, o informal e o ilegal, o emprego, o subemprego e o desemprego, parcelas hoje majoritárias de trabalhadores – com ênfase radical em seu segmento juvenil – não conseguem constituir-se nem enquanto trabalhadores, nem enquanto cidadãos ou sujeitos de direitos. (Neto e Quiroga, 2000, p. 230)

Com as meninas a unanimidade construída a respeito do que esperam para o seu futuro, dizia respeito às profissões que gostariam de ter. Expuseram seus desejos de possuírem uma profissão, além de desejarem tudo de bom para os seus e para as pessoas de seu bairro.

Apesar da esperança e determinação por parte dessas jovens, ainda se percebia em algumas meninas certo ar de desesperança, de falta de perspectivas com relação ao seu futuro.

No momento eu não penso no meu futuro não. E não penso nem em fazer faculdade. Penso em ver meus dois sobrinhos crescerem e serem muito felizes e se formarem. Não crescerem e irem pelo caminho errado do lugar em que moram. (N.T. 16 anos)

A fala desta jovem de 16 anos demonstra uma aspereza e concretude que assusta. Pela forma como ela respondeu, direta ao ponto, deu para observar que ela realmente pensa e age daquela forma. A fala desta jovem é significativa por diversos motivos mas, principalmente, por um em especial: explicita uma ausência de desejos e de perspectivas de felicidade pessoal que nas falas de muitos outros jovens pode ser percebida.

Os desejos, os sonhos, as perspectivas são como que sucumbidas pela realidade que os consome. São jovens que, em sua maioria, não tem tempo para sonhar, mas sim para pensar em como se sustentar e como ajudar as suas famílias a saírem da situação de pobreza em que hoje se encontram e a saírem de Acari.

Os nossos entrevistados demonstraram que, apesar de enaltecerem o seu bairro dizendo que é um bairro muito bom, com muitas coisas boas, gente feliz, amiga, simpática, e que a violência é a “única” coisa ruim que lá existe, a maioria dos jovens quando perguntados se desejavam um dia sair de Acari, responderam que sim.

O que você deseja para os jovens de Acari? “Tudo de bom! Que eles estudem, sigam uma carreira, é isso aí. Que sigam o seu destino.” (T.U. 15 anos) Esse é o desejo da maioria das meninas entrevistadas, para os jovens de Acari. O desejo de que sejam felizes e que tenham tudo de bom é uma repetição, talvez porque a realidade que vivenciam hoje é em muitas ocasiões dura e fria com muitos deles. Mesmo sendo assim estes 15 jovens levam a vida com uma “leveza” e alegria incontestáveis.

A ala masculina pesquisada deseja aos jovens de Acari que eles possam ter a mesma oportunidade que eles tiveram quando chamados a ingressar no PRCC de se profissionalizarem, de fazerem oficinas educativas entre outros, e que não encontrem no tráfico um caminho curto para um futuro rentável e de “sucesso”.

Com relação aos meninos, quando questionados à respeito do futuro e do que desejavam para os jovens de Acari, afirmaram a importância do futuro relacionado ao trabalho e da fuga dos atrativos do tráfico. Quando possível, esperam poder sair do próprio bairro onde residem.

Apesar de dizerem que é um bairro ótimo para se viver, todos desejam sair de Acari. Ou para estudar e depois retornar, ou para não ter que vivenciar mais as sessões de violência explícita de que são testemunhas.

Para as meninas o futuro aparece na qualidade de estudo, de desejo de se profissionalizarem e de serem felizes. A felicidade foi unanimidade entre as meninas. Além, é claro, de “tubo de bom” para todos os que elas estimavam e também para os jovens de Acari.

Uma característica muito marcante nas meninas entrevistadas foi a alegria e a esperança com relação ao futuro. Características que não foram observadas na grande maioria das falas dos meninos. “Eu acho que os jovens têm direito a ter tudo nessa vida. Por mais que morem em uma comunidade bem pobrezinha mesmo, que eles tenham uma vida digna.” (J.E. 16 anos - menina)

## **Considerações Finais**

A partir do levantamento bibliográfico feito e dos dados obtidos através desta pesquisa pode-se chegar à constatação de que no Rio de Janeiro, os agentes do Estado continuam praticando graves violações dos Direitos Humanos.

Nos anos 90 e início do ano 2000, tivemos outras chacinas, como a de Vigário Geral, Candelária, Caju e Queimados, (ocorrida no ano de 2005), nas quais crianças, jovens e trabalhadores foram brutalmente assassinados. Trata-se de mais um ato praticado por aqueles que integram os denominados “grupos de extermínio”, que agem como bandos organizados, violando quaisquer princípios de respeitabilidade humana, atentando contra a vida das pessoas e colocando no cotidiano destas o medo, a violência e a morte.

Percebemos que a sociedade banaliza a violência e a morte, por isso a prática de extermínio no seu interior tem se tornado algo natural.

Além disso, também ainda persiste nas comunidades e em bairros periféricos a legitimidade das milícias e da forma como “resolvem” os problemas. É um conceito de segurança ao inverso. Ao invés de terem assegurados o direito à vida, a propriedade, a dignidade, por parte do Estado, alguns moradores aceitam ter a proteção oferecida por estes grupos que dizem vidas, histórias e projetos (o que em muitos aspectos se assemelham com a política de segurança vigente). Sentença maior pode existir? E onde é que não existe pena de morte no Brasil?

O estado do Rio de Janeiro em 2005, segundo dados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade) - DATASUS, somente por intervenções legais e operações de guerra –para esta entidade a visão é a de que se está em guerra-, teve um índice de homicídio de 181 pessoas, que tinham entre 15 e 24 anos de idade. (Anexo nº 3). Os dados demonstram que os jovens estão sendo alvo dessa violência que tem, nas intervenções legais e nas “operações de guerra”, uma justificativa para a matança desenfreada.

Matança injustificável visto que vivemos em um Estado democrático de direito onde temos garantido pela Constituição Federal de 1988, o direito à ampla defesa e ao devido processo legal. Mas é fato que estes princípios fazem parte de uma igualdade apenas formal, não real.



Além disso, é claro que não se pode esquecer da política de segurança que vem sendo operada pelo governo estadual. Invade-se, ocupa-se, tortura-se, mata-se. O contexto do morro do Complexo do Alemão é bem exemplificativo da “operação-show” que o governo atual vem fazendo.

Em cinqüenta dias, pelo menos quarenta e quatro mortos (além de tantas outros feridos), resultado dos pretensos confrontos com os grupos criminosos da área (Dados do site Agencia Carta Maior). O abuso policial e a forma repressiva de atuar dos policiais se apresenta com o intuito de afirmar um governo aparentemente forte e enérgico em suas ações. A idéia de segurança que este governo quer passar só é bela para a mídia, que noticia as mortes e a ocupação do Complexo do Alemão como sendo vitória do Estado versus o crime. Para os moradores nada mais é do que o inferno.

Eu vi quando os policiais entraram na minha casa, estava na vizinha com meus cinco filhos. Lá dentro eles torturaram duas crianças e mataram um homem. Quando pude retornar, minha casa estava toda revirada, meu guarda roupa destruído, minha geladeira com um tiro. Os policiais levaram também meu aparelho celular. Meus filhos estão traumatizados, não querem ficar mais aqui. Eu vou colocar o barraco à venda. (Depoimento de uma moradora do Complexo do Alemão dado a organizações da sociedade civil no dia 28 de junho, resgatado no site da Agencia Carta Maior, no dia 04/ 07/ 2007)

Toda esta conjuntura serve para reforçar o que em nosso trabalho foi identificado: moradores de comunidades pobres são alvo de uma política de segurança pública repressiva, forte e discriminatória. Que ao mesmo tempo desmoraliza, desestrutura e destitui de direitos os seus sujeitos.

Apesar desta constatação, encontramos jovens alegres, espontâneos e bem resolvidos. Os 15 jovens entrevistados não fizeram questão nenhuma de esconder os seus defeitos, manias, superstições, medos e também suas alegrias, farras, paqueras...

O trabalho de investigação empírica teve um andamento muito interessante, que nos levou a observar a reação dos meninos quando estão com a “galera” e das meninas quando estão com as “amigas”. Talvez se tivéssemos elaborado o trabalho empírico em grupo misto, não teríamos relatos que pudessem nos permitir estabelecer uma relação na forma como os meninos e as meninas se comportam, pensam e reagem às perguntas provocadas na entrevista.

Com isso, averiguamos que os jovens de Acari estão “antenados” com o mundo atual e que querem se sentir inseridos nesta realidade por meio dos objetos de consumo. Mais até do que consumir, querem ser. Muitos sonham em ser jogador de futebol, modelo de passarela, ser popular ou apenas ter uma prancha que alisa o cabelo. São diversas as formas de expressar o consumo, tanto por objetos quanto por ideologias.

Uma adolescente quando perguntada a respeito do que desejava para o seu futuro cantarolou (fazendo um gracejo) a música de uma cantora, que dizia: “Quero ser famosa, artista de cinema, gravar comercial, ser capa de revista, eles vão lembrar quando minha música tocar... Eu vou passar batom, eu vou ficar bonita, eu vou rebolar...”

Para as meninas os esteriótipos de beleza demonstraram ser essenciais para uma distinção entre elas e as demais. Em um determinado momento da entrevista uma jovem provocou a outra dizendo: “Você é mucha!” e a outra adolescente rebatia dizendo “você é que é”. Depois ao pedir a explicação a respeito do que significava tal gíria, a jovem que puxou o assunto nos disse: “Ela é mole, não é durinha que nem eu (risos)” (J.C. 16 anos). O culto ao corpo, a busca por um corpo perfeito e ao que ele pode oferecer (namorados e popularidade, por exemplo) é fato entre as jovens entrevistadas. O que também foi constatado entre os meninos, mas com bem menos intensidade.

Para além da idéia de valorização do corpo e do consumo de produtos e informações, como bem desenvolve Cassab, (2001, p. 133), os entrevistados demonstraram que em suas imagens de futuro constroem ideais de família, estudo e de pertencimento em uma “sociedade salarial” (Cassab, 2001, p.182). Para os rapazes um trabalho que remunere de forma a permitir a sobrevivência e que dê um pouco de conforto, é o bastante. Eles não constroem uma imagem de futuro que diga respeito a uma vocação, como foi o caso da maioria das meninas.

O paradigma da felicidade está assentado em família estável (como Cassab descreve como sendo nuclear burguesa), que significa boa esposa e filhos, e emprego estável, que dá dinheiro para viver. Poucos são aqueles que expressam uma opção vocacional. Essa não é uma escolha para eles, o trabalho é o que for possível, desde que ofereça boa remuneração e segurança; (CASSAB, 2001, p. 182)

Cassab em seu trabalho de investigação empírica chegou a tal constatação a respeito dos jovens que observava: eles possuíam uma ausência de perspectivas de realização pessoal e profissional. A autora chega a se questionar em sua produção: “De onde esses jovens retiram a matéria para produzirem seus sonhos?” (2001:p.183)

Esse é um questionamento perfeitamente aplicável aos jovens de nossa pesquisa, pois os mesmos possuem características muito próximas das dos jovens trabalhados por Cassab. A concretude da vida tem diminuído, e em muitos casos, extinguido, os sonhos desses jovens. O futuro ainda é uma incógnita.

Retomando o título de nosso trabalho: “As representações da juventude de Acari sobre a violência: Memória e perspectivas de futuro”, poderíamos afirmar que, de fato, estes temas estiveram presentes, quando estivemos fazendo nossa pesquisa empírica. A violência é uma realidade que persiste e que tem marcado constantemente e insistentemente a subjetividade desses jovens. Por mais que tentem esquecê-la, ela permanece.

Como foi falado no início destas considerações finais, estes jovens estão no alvo por morarem onde moram, mas não são o alvo. A criminalidade o é, e os resquícios dessa tentativa de acertar o alvo, acabam por atingir os que estão mais perto. A violência tem construído imagens na subjetividade desses jovens de revolta, de vingança e de impotência. Como lutar contra um sistema que já está constituído e consolidado?

A memória da Chacina de 90 é viva. E não porque eles tenham riquezas de detalhes ou porque são próximos de quem tenha vivenciado os fatos da Chacina, mas porque eles vêem outras chacinas acontecendo. A memória que eles possuem é a memória transmitida, é a memória coletiva, mas ela só se mantém viva porque persiste o medo de que outra Chacina como a que aconteceu, venha a acontecer novamente, e pelos mesmos agentes.

Em síntese, são jovens alegres, desenvoltos e que desejam tudo o que há de melhor para os jovens de Acari, mas que tem de conviver com a vida e a morte em uma linha muito tênue. A realidade que vivenciam está cada vez mais se tornando natural na sociedade.

Ao invés de se scandalizarem com tanta atrocidade, se convencem a cada dia que todos os que lá morrem deveriam morrer mesmo, porque eram bandidos, ou que, em se tratando de favela, só existem marginais. Poderíamos dizer que estes jovens

estão incluídos na ordem capitalista, porém de forma subalterna, algo possível no interior de uma sociedade desigual.

Mais do que nunca, os direitos humanos têm que ser afirmados e concretizados. Além de serem valorizados como um ensino fundamental para crianças, jovens e adultos, para que no futuro a sociedade não padeça, como vem padecendo, de ações que desrespeitam e agridem os princípios fundamentais do homem.

## **Referências Bibliográficas**

**ABRAMO**, Helena Wendel. *Condição Juvenil no Brasil contemporâneo*, In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

**ALMEIDA**, Suely Souza de. *Violência e Direitos Humanos no Brasil*. Revista Praia Vermelha Ética e Direitos Humanos, nº 11, Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social (PPGESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.

\_\_\_\_\_. - *Violência Urbana e Constituição de sujeitos políticos*. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, RONDELLI, Elizabeth, SCHOLHAMMER, Karl Erik. e HERSCHMANN, Micael.(Orgs.) *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

**ALVITO**, Marcos. *As cores de Acari – Uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001

**BOSI**, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1979.

**CASSAB**, Maria Aparecida Tardin. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza*. Rio de Janeiro: Intertexto, 2001.

**COHN**, Amélia. *Questão Social e Direitos Sociais: Cidadania e trabalho*. São Paulo: SENAC / SESC, vol. 2, 2000.

**COIMBRA**, Cecília. *Operação Rio – O mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública*. Rio de Janeiro: Ed. Oficina do Autor / Intertexto, 2001.

**COSTA**, Jurandir Freire. *Perspectivas da Juventude na sociedade de mercado*. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) *Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

**ENNE**, Anna Lucia Silva. *Memória e Identidade Social* – XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001.

**FERREIRA**, Elizabeth Fernandes Xavier. *Mulheres, Militância e Memória*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

**HALBWACHS**, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Vértice, 1990.

**IAMAMOTO**, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. Revista Temporalis nº 3, ano II, Brasília: ABEPSS / Grafile, 2001.

**INUMAR**, Lucélia Yumi e **PALANGANA**, Isilda Campaner. *A formação da memória no desenvolvimento psíquico: contributo à educação*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília: v.85, n.209/210/211, p.101-113, 2004.

**LEITE**, Maria Pereira. e **OLIVEIRA**, Pedro Paulo de. *Violência e Insegurança nas favelas: o ponto de vista dos moradores*. Revista Praia Vermelha Cidade e Segregação, nº 13, Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social (PPGESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2005.

**NETO**, Ana Maria Q. Fausto. e **QUIROGA**, Consuelo. *Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais*. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

**NOBRE**, Carlos. *Mães de Acari: uma história de protagonismo social*. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, Pallas, 2005.

**PASTORINI**, Alejandra. *A categoria Questão social em debate*, São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

**PEREIRA**, Potyara. *Questão Social, Serviço Social e Direitos de Cidadania*. In: Revista Temporalis nº 3, Brasília, ABEPSS, 2001.

**POLLAK**, Michael. *“Memória e identidade social”*. In: *Estudos Históricos*, v.5,nº 10, Rio de Janeiro : Ed. Revista dos Tribunais, Ltda. (Edições Vértice) , 1992.

\_\_\_\_\_. *“Memória, Esquecimento, Silêncio”*. In: *Estudos Históricos*, v. 2,nº3, Rio de Janeiro : Ed. Revista dos Tribunais, Ltda. (Edições Vértice),1989.

**RIDENTI**, Marcelo. *Classes Sociais e Representação*, São Paulo, Ed. Cortez,2001.

**SILVA**, Luís Antônio Machado. A continuidade do “problema da favela” In: Lúcia Lippi OLIVEIRA (org.) Cidade: História e Desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002

**SINGER**, Paul. *A juventude como corte: uma geração em tempos de crise social*. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*, São Paulo, Ed: Fundação Perseu Abramo, 2005.

**SOARES**, Luiz Eduardo. *Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo* In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) *Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

**WACQUANT**, Loïc. *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Revan/Fase 2001.

\_\_\_\_\_. - *As Prisões da Miséria*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

**WASELFISZ**, Julio Jacobo. *Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: Unesco, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2004.

### **Periódicos**

- Guia de Serviços de Acari; SMTb e SMH da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; s/data.
- Relatório 2004 – Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro;

### **Hemerografia**

- Artigo Gilberto Velho para o site COMCIENCIA:  
Http: / [www.comciencia.br/reportagens/violencia/vio09.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/violencia/vio09.htm)
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Demográfico 2000
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
<http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/RDHRio-Cap5.pdf>
- DATASUS. <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtrj.def>
- Agência Carta Maior [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=14439](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=14439)



# **Anexos**

**Anexo nº 1**Roteiro para as entrevistas

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo:

(    ) Feminino              (    ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_

1) Você estuda? Estuda dentro ou fora de Acari?

2) O que você mais gosta na escola?

3) Além da escola, existem outros espaços que você freqüente?

4) Outras atividades que desenvolva?

5) O que você mais gosta de fazer?

6) Como você se descreveria?

7) Como é o seu bairro? Você gosta dele?

Há violência em seu bairro?

Quem pratica a violência em seu bairro?

Como a comunidade reage em relação a violência no bairro?

Como você analisa a violência na sociedade?

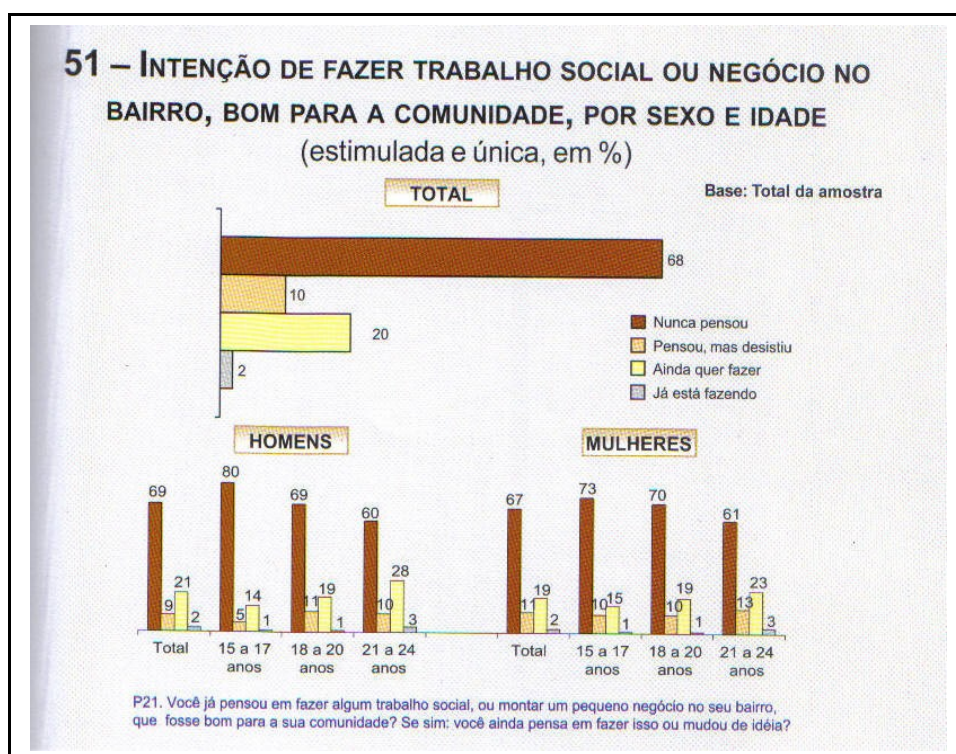
8) Você já ouviu falar nas Mães de Acari? Como você soube dessa história?

9) O que você espera do seu futuro?

O que você deseja para os jovens de Acari?

O que você tem feito por este futuro que você deseja?

## Anexo nº 2



\* Dados extraídos da pesquisa “*Perfil da Juventude Brasileira*” de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto de Cidadania, em 2003.

## Anexo nº 3

### Mortalidade - Rio de Janeiro

Óbitos p / Ocorrênc por Município e Reg. Metropolitana

Município: Rio de Janeiro

Causa - CID-BR-10: Intervenções legais e operações de guerra

Faixa Etária OPS: 15 a 24 anos

Período: 2005

Município	Rio de Janeiro	Total
330455 Rio de Janeiro	181	181
Total	181	181

Fonte: MS/ SVS/ DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM / DATASUS.